

Gabriel Almeida Laurindo

GRR 20157582

**De 1997 ao Infinito: uma história do emo brasileiro em meio à
indústria cultural**

Monografia apresentada à disciplina OA028-
Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura
como requisito parcial à conclusão do Curso de
Licenciatura em Música - Departamento de Artes,
Setor de Artes, Comunicação e Design da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Francisco Gonçalves de Azevedo.

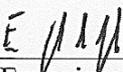
CURITIBA

2019

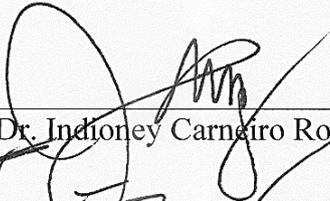
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
Departamento de Artes
Coordenação do Curso de Música

**ATA DA 5ª ETAPA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO
CURSO DE GRADUAÇÃO**

No dia 3 de dezembro de 2019, **Gabriel Almeida Laurindo** apresentou neste departamento o Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Música intitulado *De 1997 ao infinito: uma história do emo brasileiro em meio à indústria cultural*, tendo obtido nota 80 (Oitenta).



Prof. Dr. Francisco Gonçalves de Azevedo (orientador)



Prof. Dr. Indionei Carneiro Rodrigues



Prof. Dr. José Estevam Gava



Gabriel Almeida Laurino

A todos os familiares e amigos que estiveram presentes durante o desenvolvimento deste trabalho e a todos aqueles que acreditam na arte e na educação.

AGRADECIMENTOS

A todas as interpretações das forças divinas do universo que me fizeram ter saúde para seguir em frente.

Aos meus pais, Adriano e Viviane, pelo apoio desde sempre às minhas decisões.

À minha avó Clemência, pelo primeiro violão, que abriu as portas para o meu aprendizado musical.

Aos professores Marcelo Pereira e Bruno Karam, pelo apoio e incentivo que me ajudaram a ingressar na faculdade.

À professora Silvana Scarinci pelo acolhimento e trabalho no Laboratório de Música Antiga da UFPR que me possibilitou um grande aprendizado acadêmico e profissional.

Aos professores Indionei, Roseane e Francisco pela inspiração e aprendizado que me fizeram crescer como músico e compositor.

Ao professor Marcos, que me apoiou e incentivou no começo da faculdade.

A todos os professores que tive, por compartilharem sua sabedoria.

Aos professores e alunos das escolas onde estagiei pelo acolhimento em suas turmas.

À Suellen pelo companheirismo e apoio desde o início da faculdade de música.

À Rafaela, pelo importante auxílio na pesquisa e pelo apoio e carinho recebidos antes, durante e depois deste trabalho.

À maestrina Priscilla Prueter e todos os colegas do Coral da UTFPR pelo trabalho acolhedor e profissional que me fez crescer como ser humano.

A todos os amigos e colegas que direta ou indiretamente contribuíram para esta pesquisa.

A todos aqueles com os quais pude compartilhar de experiências musicais, tocando, cantando ou ouvindo.

Aos meus psiquiatras pelo apoio médico para enfrentar a faculdade.

À Leona, pelos abraços e brincadeiras.

Minha arte é uma arma!

Beemo

Eles não entendem, a resposta está na simplicidade. Um trabalho pequeno, um propósito simples. Como por exemplo... consolar um coração triste por vez.

Trecho do zine Propósito, de J.V. Santos.

RESUMO

O movimento emo começou pequeno no final da década de 1980 e conquistou fãs que o fizeram ganhar força na década seguinte. O emo foi ganhando mais espaço numa cena emergente e chamando a atenção do mercado musical. Mas por mais relevante que tenha sido, poucos estudos tiveram como seu objeto o movimento emo. Este estudo busca discutir como o emo se desenvolveu no Brasil desde seu início até os dias atuais e como a relação com a indústria cultural interferiu nas características do movimento. Para tal, pretende traçar um panorama histórico analisando músicas identificadas como pertencentes ao movimento emo para analisar as suas características e a relação que o emo teve com a indústria cultural ao longo dos anos.

Palavras-chave: emo, emocore, indústria cultural, rock brasileiro.

ABSTRACT

The emo movement started small in the late 1980s and gained fans that made it stronger in the following decade. Emo was gaining more space in an emerging scene and catching the attention of the music business. But as relevant as it has been, only a few studies have focused on the emo movement. This study aims to discuss how emo was developed in Brazil from its beginning to the present day and how the relationship with the culture industry interfered with the characteristics of the movement. To this end, it intends to draw a historical panorama analyzing songs identified as belonging to the emo movement to analyze their characteristics and the relationship that emo had with the culture industry over the years.

Keywords: emo, emocore, culture industry, Brazilian rock.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	2
2.1 OS FATOS DA DÉCADA DE 1980 NO BRASIL	2
2.2 ESTADOS UNIDOS 1980 E A PRIMEIRA ONDA DO EMOCORE	3
2.3 A SEGUNDA ONDA DO MOVIMENTO EMO	5
2.4 MÍDIA E MERCADO	6
2.4.1 Meios de comunicação	7
2.4.2 Visual	8
3. METODOLOGIA	9
3.1 ANÁLISE HISTÓRICA	10
3.2 ANÁLISE MUSICAL	10
4. DISCUSSÃO/ ANÁLISE DE DADOS	11
4.1 EMO NO PERÍODO DE 1990 A 1994	12
4.1.1 Contexto histórico	12
4.1.2 Análise musical	13
4.2 EMO NO PERÍODO DE 1995 A 1999	16
4.2.1 Contexto histórico	16
4.2.2 Análise musical	17
4.3 EMO NO PERÍODO DE 2000 A 2004	19
4.3.1 Contexto histórico	19
4.3.2 Análise musical	20
4.4 EMO NO PERÍODO DE 2005 A 2009	21
4.4.1 Contexto histórico	21
4.4.2 Análise musical	22
4.5 EMO NO PERÍODO DE 2010 A 2014	23
4.5.1 Contexto histórico	23
4.5.2 Análise musical	24
4.6 EMO NO PERÍODO DE 2015 A 2019	27
4.6.1 Contexto histórico	27
4.6.2 Análise musical	28
4.7 O EMO COMO INFLUÊNCIA E O FUTURO DO MOVIMENTO	30

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	37
FONTES	39

1 INTRODUÇÃO

O movimento emo surgiu há mais ou menos três décadas nos Estados Unidos e é mais discutido na indústria do entretenimento do que na academia. Em julho de 2018, uma reportagem da revista *Vice* destacou o emo como o último movimento importante do rock brasileiro (Cavalcanti, 2018). No entanto, muito do que se pode encontrar sobre o emo, na verdade, faz referência ao movimento associando-o a áreas como a sociologia, comunicação, design etc., mas poucas são as informações encontradas a respeito da música emo e da história do movimento. Esta pesquisa pretende auxiliar com o preenchimento dessa lacuna no campo histórico-musical ao buscar um panorama histórico do movimento emo.

Com este trabalho esperamos contribuir para a inserção deste tema na academia e para futuros estudos sobre o rock brasileiro a partir da elucidação de fatos sobre o movimento emo. Colocaremos o foco desta pesquisa sobre a história do movimento emo. A partir da fundamentação teórica, traçaremos um panorama histórico do movimento emo no Brasil desde suas origens nos Estados Unidos até a atualidade e relacionaremos elementos históricos e musicais para observar características da música emo para observar seu desenvolvimento ao longo dos anos.

Para estabelecermos um panorama histórico do emo no Brasil, iniciaremos com a origem do movimento nos Estados Unidos nos anos 1980 após o auge do movimento punk e sua contextualização com os acontecimentos da época. Serão elencados os fatos históricos que envolveram o movimento punk, do qual o emo derivou. Também verificaremos como o emo se desenvolveu dentro do punk e como se emancipou.

Uma vez tendo o embasamento teórico sobre a história do início do movimento emo, analisaremos músicas identificadas como pertencentes ao emo de autoria de grupos musicais brasileiros, em períodos distintos que seguiram o movimento emo. Em cada um dos períodos também observaremos fatos históricos que os marcaram. Embora aparentem, às vezes, estar distantes da realidade do movimento emo, os fatos históricos analisados são aqueles que tiveram mais discussão em meio a mídia de massa, servindo para elaborarmos uma análise do contexto em que as canções foram criadas. Com isso buscaremos um panorama da evolução do movimento emo e as mudanças ocorridas em cada fase, observando seu contexto histórico e relacionando-as com o mercado musical das épocas. Portanto, buscamos neste trabalho um entendimento sobre o desenvolvimento histórico do movimento emo com a indústria cultural, por meio da análise histórica e tendo a análise musical como sua ferramenta.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Washington, Estados Unidos, anos 1980. O grupo americano de post-hardcore Rites of Spring está fazendo uma apresentação e alguém grita da plateia: “você são emo!”. Essa anedota, retirada da página da Wikipedia em português sobre emo, é um dos mitos encontrados na internet em relação ao surgimento do *emotional hardcore*, posteriormente conhecido como emocore, ou emo.

Desde seu início, o emocore sofreu com preconceitos até mesmo dos adeptos a movimentos relacionados. Afinal, o emocore, assim como muitos movimentos culturais criados pelos jovens, surgiu para ir na contramão do mercado musical e do movimento da geração anterior. Como aconteceu com o rock, o metal progressivo e o punk, as gerações anteriores olharam para a novidade com estranhamento e crítica (Da Costa, 2018; Pattison, 2019).

Nos anos 1980, o punk havia deixado sua marca e outros estilos derivaram-se dele. O hardcore, principal estilo derivado do punk, tem ritmo acelerado e agressividade marcante. Segundo Caiafa (1985), o hardcore é um estilo em que as músicas são feitas no mínimo de tempo possível. O emocore apresenta o mesmo tipo de melodia acelerada, como no punk, mas tem letras com temática sentimental e introspectiva (Carvalho, 2010).

A evolução do emocore em território brasileiro tornou-se um fenômeno que consolidou o movimento como uma nova geração do rock nacional. Muitos dos grupos de rock brasileiros de mais sucesso nas décadas de 2000 e 2010 tiveram seu início dentro do movimento emo: Dance of Days, Fresno, Nx Zero, Hateen, CPM22, Gloria, Strike, entre outras.

2.1 Os fatos da década de 1980 no Brasil

A década de 1980 no Brasil ficou conhecida como a “década perdida” devido às diversas crises políticas e econômicas que aconteceram. Na economia, a inflação passava de 1000%, mudou-se de moeda cinco vezes, o índice de desemprego era alto, houve congelamento de preços e salários e arrocho salarial. Na política, o Brasil passou pela redemocratização, pois de 1964 até 1985 o país passou por uma ditadura militar que destruiu o estado de direito e a democracia (Reis, 2014; Chiavenato, 1994; Stampa & Rodrigues, 2016; Mota & Braick, 1997; Mota, 2000). Como relatado por Chiavenato (1994), o governo militar possuía uma política de controle sobre a criação cultural, por meio de censura e até perseguições a artistas. Segundo Rochedo (2011), no início da década de 1980 o regime civil-militar vinha perdendo força, não tendo legitimidade política, até que em 1985 a ditadura militar terminou após duas décadas e uma nova constituição foi promulgada em 1988 (Reis, 2014). Em 1989 ocorreu a primeira eleição para presidente em 29 anos

elegendo como presidente Fernando Collor de Mello, que sofreu *impeachment* após dois anos de mandato.

A abertura política acarretou em uma significativa abertura à manifestação e liberdade de expressão. Críticas e manifestações tornaram-se mais fortes. Cartunistas afluíram em jornais e revistas com ataques irônicos mais diretos, grupos musicais faziam críticas abertamente em suas canções. Os movimentos “diretas já” e “caras pintadas” promovidos com grande participação popular despertaram nas pessoas uma consciência de que a população tinha poder, mas que ainda sofria com a administração pública. Ao mesmo tempo, a imprensa começava a divulgar o movimento punk surgindo nos subúrbios de São Paulo e Rio de Janeiro, que era carregado de críticas sociais e fazia oposição a governos (Rochedo, 2011).

Com a abertura para a manifestação política após o fim de uma ditadura, a rebeldia política do rock nos anos 1980 tomava o espaço deixado pela MPB, que enfraquecia comercialmente após o fim dos festivais da canção transmitidos por grandes redes de televisão. Houve o primeiro festival Rock in Rio com artistas nacionais e internacionais de grande renome e o primeiro festival punk brasileiro em 1982 em São Paulo, o festival chamado de O começo do fim do mundo.

O BRock, como ficou conhecido o rock brasileiro em alta na década, ganhava mais notoriedade e espaço, trazia críticas a instituições repressoras, violência urbana e o cotidiano dos jovens no meio urbano com aborrecimentos, preocupações e esperanças. A capital Brasília era um dos cenários mais agitados do rock nacional. A “cena de Brasília” contava com grupos como Plebe Rude, Legião Urbana e Capital Inicial. Rochedo (2011), escreve:

O BRock, realizado e consumido por jovens, estabelece uma relação de percepção de mundo, no processo de transição política pelo qual o país atravessava. Grupos que desfrutavam do bom humor, em tempos tão rígidos, esboçavam o rock que estava surgindo. Estes jovens começam a ingressar na vida pública por seu próprio meio de expressão, sendo um deles, o fazer e ouvir rock (Rochedo, 2011).

O BRock foi muito influenciado pelo punk estadunidense, com sonoridade agressiva e letras com críticas políticas. Deste cenário brasileiro de frustração política e econômica, que contava com tantos protestos, despontou o movimento de grupos musicais brasileiros que posteriormente se identificaria como emo.

2.2 Estados Unidos em 1980 e a primeira onda do movimento emo

Dentro da cena punk americana da década de 1980, desenvolveu-se o chamado hardcore. Assim como o punk, o hardcore tinha sonoridade acelerada e ruidosa com letras carregadas de

críticas sociais e políticas, feito por grupos de jovens descontentes com a situação social-econômica criada pela geração anterior e com críticas ao imperialismo do presidente Ronald Reagan (Rochedo, 2011).

Segundo Caiafa (1985), o punk foi criado em contrapartida à “complicação” do rock progressivo dos anos 1970. Tinha letras marcadas com críticas políticas e cinismo e “produzia intensidade com o mínimo”. “O som é muito simples, e muito rápido. Basicamente percussivo, com vocal violento” (CAIAFA, 1985). O hardcore punk, também conhecido apenas por hardcore, surgiu na cena punk de Washington, nos Estados Unidos, como um som rápido e violento derivado do punk (CARVALHO, 2014). Sobre o hardcore, Caiafa (1985) afirma: “o mínimo punk aqui é quase nada: o instrumento é rangido, o vocal é o grito, cada música é segundos. É não tocar, não cantar: anti-música. Só o atrito”.

Embora tivesse uma sonoridade carregada de agressividade, o movimento que surgia traria consigo críticas aos hábitos violentos do punk. Este movimento era o denominado *straight edge* (caminho certo, em tradução livre), formado por punks que abominavam a violência e o consumo de drogas. Na música *Straight edge*, do grupo Minor Threat, ouvimos os versos:

<i>I'm a person just like you</i>	Eu sou uma pessoa como você
<i>But I've got better things to do</i>	Mas tenho coisas melhores a fazer
<i>Than sit around and fuck my head</i>	Do que ficar sentado e foder minha cabeça
<i>Hang out with the living dead</i>	Andar com os mortos-vivos
<i>Snort white shit up my nose</i>	Cheirando essa merda branca pelo meu nariz
<i>Pass out at the shows</i>	Desmaiar nos shows
<i>I don't even think about speed</i>	Eu nem penso em drogas
<i>That's something I just don't need</i>	É algo que simplesmente não preciso
<i>I've got straight edge</i>	Eu tenho o caminho certo
(trecho de <i>Straight edge</i> , de Minor Threat).	

Foi no verão de 1985 em Washington, que Ian Mackaye e Jeff Nelson, membros do grupo Minor Threat e proprietários do selo independente Dischord Records, lançaram o Revolution Summer, um evento de discussões, aprendizados, ações políticas e experimentações musicais com intenção de combater o comportamento cada vez mais violento e machista que o hardcore vinha desenvolvendo (DA COSTA, 2018; PATTISON 2012). Durante o Revolution Summer, aqueles jovens que não se sentiam confortáveis em expor seus sentimentos puderam falar sobre suas angústias e desejos. As músicas ganharam mais melodia e letras com temáticas existencialistas, românticas e de decepção, mas mantendo o mesmo caráter acelerado herdado do hardcore e abolindo o machismo e a violência. Era o início do emotional hardcore, ou, simplesmente emocore. Grupos como o Rites of Spring, Embrace e Fugazi, da região de Washington nos Estados Unidos, marcaram esta fase inicial, comumente chamada de primeira onda do movimento emo.

Os três grupos citados também fizeram parte do selo Dischord Records. Rites of Spring foi formado na primavera de 1984 pelo guitarrista e vocalista Guy Picciotto. Embrace formou-se no verão de 1985, durante o Revolution Summer, com o vocalista Ian MacKaye, um dos idealizadores do evento. Em 1987 Guy Picciotto, Ian MacKaye uniram-se para criar o Fugazi.

As características apresentadas pelo movimento, assim como do *straight edge*, não foram bem recebidas dentro da comunidade punk e hardcore, recebendo rótulos pejorativos e homofóbicos relacionados à sensibilidade apresentada. Os adeptos do punk e hardcore então, adotaram uma postura mais reservada, “protegendo-se de possíveis contaminações” (CARVALHO, 2014). Essas contaminações seriam os estilos e movimentos que se desenvolveram a partir da abertura do hardcore, como é o caso do emocore. Esse afastamento pode ter acarretado uma das características do emo: a reclusão, o isolamento que os adeptos parecem carregar em relação a outros grupos e também nas letras das músicas.

2.3 A segunda onda do movimento emo

Renegado pelo movimento punk, o emocore foi se aproximando do pop-rock com a chegada dos anos 1990. Foi apenas ao final da década de 1990 que o emocore se concretizou como um movimento musical reconhecido. Até então, o termo “emo” era mais utilizado com um adjetivo (PATTISON, 2012). Na segunda onda do movimento, o emo propagou-se da costa para o interior dos Estados Unidos e conjuntos musicais e fãs começaram a conectar-se nacionalmente, principalmente pelo meio digital em comunidades da internet que cresciam cada vez mais, dando mais consistência ao movimento. Grupos como Antioch, Arrow, Sunny Day Real State, Green Day, Weezer e Cap’n Jazz marcaram essa geração. Alguns dos citados não são identificados como emo, mas em subgêneros criados a partir do emocore nessa mesma época, como o pop-punk e o screamo.

Foi nessa década que o emo ganhou força e proporção não somente nos Estados Unidos, como no mundo todo, inclusive no Brasil. A ascensão de selos independentes e a aproximação com a música pop junto das letras sentimentais ganharam a atenção da indústria musical. Músicas de grupos emocore, screamo e pop-punk começam a aparecer entre as mais tocadas no rádio e os grupos começam a ganhar discos de ouro. Em 2002 o emo se tornou fenômeno *mainstream*¹. Em 2005, o emo transformou-se numa força comercial e se fez presente num dos mais famosos

¹ Segundo o Dicionário Cambridge, é o modo de vida ou conjunto de crenças aceitas pela maioria das pessoas, a tendência dominante. Nesse contexto, é utilizado para descrever aquilo que está em destaque na mídia e comercialmente, que faz mais sucesso comercial.

festivais de hardcore dos Estados Unidos, o festival Warped Tour (PATTISON, 2012). Não por acaso, vários dos grupos mais conhecidos e duradouros surgiram nessa época.

Algo que se torna cada vez mais importante é o visual emo. O processo de identificação dos grupos e seguidores do movimento demandava algo que os fizesse “parecer emo”. Marcas de vestuário voltam-se para o público emo, sendo muitas destas de propriedade de músicos famosos do movimento. O próprio festival Warped Tour é promovido por uma grande empresa de vestuário. No meio dos anos 2000 o emo já apresenta um estereótipo: roupas pretas, pulseiras com espinhos, maquiagem carregada nos olhos, cabelo alisado geralmente com uma franja caindo sobre os olhos, detalhes coloridos nas roupas e cabelo. O visual estereotipado do emo reforça o aspecto de “introvertido” que carrega a criação do movimento. Com um visual pronto e estando em primeiro plano na mídia comercial, o movimento também encontra o preconceito além da comunidade punk.

Cruvinel (2010) relaciona características dos emos depois dos anos 2000 com os estudos de Foucault sobre docilidade dos corpos, que evidencia sua relação com o punk e as consequências de seu afastamento. Segundo Cruvinel, os emos carregam a atitude de corpos indóceis que os *punks* deixam e vão um pouco mais além. Resistência a dispositivos disciplinadores, subversão do discurso normalizador sobre sexualidade e morte são algumas características. Além da negação e rejeição do emocore pelo movimento punk, os emos também sofrem preconceito de grupos homofóbicos e tradicionalistas.

2.4 Mídia e mercado

Discutiremos agora as relações entre o movimento emo e indústria cultural e como um afetou o outro. A indústria cultural é definida primeiro por Adorno (1968) como um processo de standardização da distribuição da arte no qual “fazem-se, segundo um plano, produtos adaptados ao consumo das massas e que em grande medida determinam esse consumo”. Ainda como afirma Duarte (2010), “a indústria cultural não é apenas a administradora do espólio da arte convencional na contemporaneidade, mas uma instância que se empenha na submissão total à cultura mercantilizada”. Nota-se que a indústria cultural tem como foco a mercantilização e distribuição massificada da produção artística a qual detém. Também se faz presente o termo “cultura de massa”, definido por Brandão e Duarte (1990) como o desenvolvimento industrializado dos meios de comunicação. Sobre indústria cultural e cultura de massa, Brandão e Duarte escrevem:

Podemos dizer que a indústria cultural, utilizando-se dos meios de comunicação, primeiramente lança o produto em grande quantidade (milhares ou milhões de discos, por exemplo) e, depois,

induz as pessoas a consumirem esse produto, apelando para outras razões além de seu valor artístico.

A cultura de massa, ao divulgar produtos culturais de diferentes origens (erudita e popular), possibilita o seu conhecimento por diferentes camadas sociais, criando também um campo estético próprio e atraente voltando para o consumo generalizado da sociedade (Duarte e Brandão, 1990).

O movimento emo encontrou a estandardização da indústria cultural apenas em meados dos anos 2000, como veremos nas análises. O emo começou como um movimento cultural que após o primeiro período de sua existência como contracultura passou a ser explorado pela indústria cultural e ser mercantilizado e distribuído massivamente. Como contam Duarte e Brandão (1990), este processo de assimilação da cultura jovem ocorre desde a década de 1950, quando após a segunda guerra, a população jovem norte-americana insatisfeita criou uma cultura repleta de revolta que foi expressa principalmente pela música e criando com isso um mercado consumidor constituído por jovens. Porém, a partir da década de 1960 a população jovem começou a criticar mais ativamente a cultura vigente, principalmente a distribuída pela indústria cultural, criando a reação jovem conhecida como contracultura. Mesmo sendo contra a industrialização, é por meio da indústria cultural que esses movimentos contraculturais tem a oportunidade de expansão e assimilação (Brandão e Duarte, 1990).

Dentro desse desenvolvimento da indústria cultural, as mídias sempre tiveram papel importante e com o movimento emo não foi diferente. A iconografia, as vestimentas, as cores. Assim como todo movimento musical popular que estivesse em voga no mercado cultural no século XX, a imagem era importante. A seguir, alguns dos fatores mercadológicos e itens que contribuíram para a ascensão do movimento emo dentro da indústria cultural.

2.4.1 Meios de comunicação

Ao final da década de 1980, nos Estados Unidos, houve um novo estímulo ao mercado musical com o advento da MTV, um canal exclusivamente voltado à música, cuja programação incluía videoclipes, programas de entrevistas e documentários com artistas e grupos musicais. Direcionado ao público mais jovem, muitos artistas encontraram nos canais de música como a MTV uma oportunidade de reconhecimento (DA COSTA, 2018).

As publicações independentes conhecidas *fanzines*, ou simplesmente *zines*, foram outro aspecto marcante do movimento emo. Surgidas com o movimento punk, as zines são publicações amadoras feitas por adeptos do movimento para divulgar sua cultura, música e ideologia (DA COSTA, 2018).

Outro fator relacionado à comunicação foi o desenvolvimento da internet. No final da década de 1990 e começo de 2000, comunidades em domínios digitais propiciavam aos fãs compartilharem informações sobre grupos musicais e o movimento emo e, além disso, trouxeram uma nova oportunidade de divulgação independente para os artistas e grupos musicais. Os grupos puderam compartilhar seus concertos e suas músicas por meio das comunidades digitais. Como afirma Fábio Sonrisal dos grupos brasileiros Hateen e Street Bulldogs, no documentário *Do underground ao emo* (2013), “a internet fez todo mundo chegar na casa das pessoas sem passar pela TV”.

2.4.2 Visual

A questão visual no começo dos anos 1990 se resumia mais à iconografia utilizada em publicações como os zines, capas de discos e fitas cassete, pôsteres e cartazes de apresentações e festivais. Com o passar dos anos o movimento também foi criando uma espécie de figurino característico. Nos anos 1990, adeptos do emo e do hardcore não apresentavam diferenciação no estilo de suas roupas, mas a partir da década de 2000 o emo foi criando um estilo próprio para as vestimentas. Isso se deu pelo fato de o emo se aproximar mais do pop e do pop punk e começar a criar uma imagem característica que pudesse atingir um público, para fins comerciais.

Marcas de roupa sempre tiveram interesse e investiram no movimento hardcore e emcore. Um dos maiores festivais dos Estados Unidos é promovido por uma grande marca de roupas e gravadoras e artistas também fundaram novas empresas de vestuário. Pode-se perceber aqui um processo que Renato Ortiz (2016) chama de fetichização, que se resume em criar contextos e narrativas não-musicais para acompanharem a música. Ou seja, a criação de um figurino característico, iconografia e biografias que serão associadas a uma música ou artista a fim de facilitar a recepção pelo público.

3 METODOLOGIA

Este trabalho parte de uma pesquisa bibliográfica que procura no referencial teórico os objetos de estudo a serem analisados. Como apontam Marconi e Lakatos (2007), a pesquisa bibliográfica “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo”. Portanto utilizamos diversos tipos de textos como pesquisas, teses, monografias, jornais, revistas, livros e publicações avulsas bem como material de gravações audiovisuais. Por causa da carência de material acadêmico sobre o assunto, também utilizamos artigos de *sites* especializados sobre música, rock, hardcore, emo e afins, que são responsáveis pela maior parte dos escritos e informações sobre o objeto desse estudo, além de *sites* oficiais de grupos e gravadoras. Segundo Marconi e Lakatos (2007), a pesquisa bibliográfica “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre o assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras. Portanto, neste trabalho analisamos o emo tendo como base as informações disponíveis na bibliografia encontrada.

Para além da pesquisa bibliográfica, faremos uma pesquisa analítica histórica analisando eventos históricos que ocorreram nos períodos selecionados. Pretendemos primeiramente dividir a história do movimento emo em seis recortes temporais de cinco anos cada: de 1990 até 1994, de 1995 a 1999, de 2000 a 2004, 2005 a 2009, 2010 a 2014 e 2015 a 2019. Depois, selecionamos grupos e artistas característicos do movimento citados pela bibliografia e reunimos músicas para serem analisadas. Da mesma forma, as músicas são escolhidas com base na bibliografia utilizada, considerando também o sucesso comercial que fizeram com base em listas de empresas de aferição de dados como a Crowley Charts, publicadas pela ADSL Network no *site* Mais tocadas, das músicas mais tocadas em rádio, televisão e internet nas épocas analisadas, considerando também aspectos relevantes para as análises deste trabalho, citados a seguir.

Além da análise histórica dos contextos dos grupos musicais e de criação das músicas, faremos uma análise sobre elementos musicais das canções selecionadas, para observar as mudanças ocorridas na composição das músicas durante o desenvolvimento do movimento emo. Usaremos esta análise musical como ferramenta para a análise histórica, aliando a perspectiva musical à perspectiva histórica, para constatar as características que marcam o emo, de suas origens até os dias atuais, e as mudanças e aspectos incorporados ao movimento.

Realizamos uma análise das músicas e grupos musicais, para ver no que se comparam e se diferem quanto aos seus conteúdos. São analisadas: vendagem de álbum ou execução da música em emissoras de rádio e televisão e plataformas digitais, letra, instrumentação, forma e elementos

exóticos (elementos não comuns do emo que foram agregados às músicas, quer por influência comercial ou de outros estilos musicais).

3.1 Análise histórica

A primeira análise serve para contextualizar as músicas estudadas, considerando o contexto histórico em que a música foi lançada, averiguando os eventos que aconteceram no Brasil e no mundo durante o período em relação à história geral. Também é feita uma análise sobre a história dos grupos musicais e das músicas, incluindo a vendagem e número de execuções da música em emissoras de rádio e televisão e sítios da internet, baseado em dados de empresas de aferição e bibliografia. Relacionando as músicas selecionadas com seus respectivos contextos históricos esperamos compreender as possíveis mudanças adotadas no movimento emo.

3.2 Análise musical

A segunda análise é realizada sobre alguns elementos musicais. Analisamos a letra da música (seu conteúdo, as temáticas abordadas, utilização e organização de rimas e idioma empregado), a instrumentação utilizada na gravação da música em questão, a estrutura que organiza a forma da música, como refrãos e estrofes e também os elementos exóticos utilizados, isto é, os elementos musicais não comuns ao emocore até o momento analisado e que foram agregados às músicas, por influências de diferentes estilos musicais, novas experimentações musicais, influências comerciais ou estilísticas do grupo.

Além da análise musical em cada música, todas aquelas selecionadas no recorte temporal são relacionadas para descobrir no que se compraram ou diferem, apresentando assim uma perspectiva do emo naquele período e as diferenças e semelhanças com o período anterior.

4 DISCUSSÃO/ANÁLISE DE DADOS

Na tabela a seguir estão organizadas as músicas selecionadas para análise em cada recorte temporal, assim como o grupo musical de autoria e o ano de lançamento. A seleção se baseou em músicas e artistas citados pela bibliografia e que aparecem nas listas de músicas mais tocadas.

TABELA 1 – SELEÇÃO DE MÚSICAS ANALISADAS.

Período	Grupo de autoria	Música selecionada	Ano de lançamento
1990 – 1994	Garotos Podres	<i>Oi, tudo bem?</i>	1993
	Dead Fish	<i>Lost soul</i>	1993
	Hateen	<i>Blind youth</i>	1994
	Dead Fish	<i>You against</i>	1995
1995 – 1999	Garage Fuzz	<i>Lead a pointless life</i>	1995
	Blind Pigs	<i>Conformismo e resistência</i>	1997
	Dance of Days	<i>Left</i>	1997
	Dead Fish	<i>Sonho médio</i>	1999
2000 – 2004	Dance of Days	<i>Me leve às estrelas</i>	2001
	Sugar Kane	<i>Medo</i>	2001
	Cueio Limão	<i>Quem matou o Bozo?</i>	2002
	Forfun	<i>História de verão</i>	2003
	Fresno	<i>Onde está</i>	2004
2005 – 2009	CPM22	<i>Um minuto para o fim do mundo</i>	2005
	Hateen	<i>1997</i>	2006
	Nx Zero	<i>Razões e emoções</i>	2006
	Fresno	<i>Desde quando você se foi</i>	2008
2010 – 2014	Restart	<i>Levo comigo</i>	2010
	Nx Zero	<i>Só rezo</i>	2010
	Glória	<i>Horizontes</i>	2012
	Fresno	<i>Infinito</i>	2012
	Strike	<i>Fluxo perfeito</i>	2012
2015 – 2019	Fresno	<i>Hoje eu sou trovão</i>	2016
	Fresno	<i>Natureza caos</i>	2018
	Medulla	<i>Um leão por dia</i>	2018
	Glória	<i>Voa</i>	2019

4.1 Emo no período de 1990 a 1994

As músicas selecionadas para análise neste período são: *Oi, tudo bem?* de Garotos Podres, de 1993; *Lost soul*, do grupo Dead Fish, de 1993; *Blind youth*, do grupo Hateen, de 1994; *You against*, de Dead Fish, de 1995. As músicas foram selecionadas com base na bibliografia.

4.1.1 Contexto histórico

Este período foi marcado por uma turbulência econômica e política. O presidente Fernando Collor de Mello teve seu *impeachment* em 1992, tornando seu vice Itamar Franco o novo presidente. Em 1994, após várias mudanças na moeda brasileira, entra em vigor o plano Real para controlar a inflação de mais de 1000%. A democracia brasileira ainda era nova, a ditadura havia terminado apenas em 1985. Os brasileiros podiam pela primeira vez em anos falar abertamente sobre política e criticar diretamente o governo. A força de expressão do brasileiro cresceu tanto que o movimento dos “caras pintadas” forçou a saída do presidente Collor do cargo após o descontentamento da população com o mesmo. Ao mesmo tempo, a crise econômica era uma realidade e o Brasil trocou de moeda seis vezes até o plano Real, que conseguiu finalmente amenizar a crise brasileira (Almanaque Abril, 2001; Mota, 1997).

Internacionalmente, as guerras chamam a atenção. Em 1990, a Alemanha foi reunificada. Em 1991, os Estados Unidos invadiram o Iraque, iniciando a Guerra do Golfo. Foi assinado um tratado para redução de armas estratégicas entre os Estados Unidos e a União Soviética para reduzir mísseis nucleares. Ao final de 1991, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) deixou de existir. Em 1994 chegou ao fim o Apartheid na África do Sul, Nelson Mandela ganhou o prêmio Nobel da Paz e tornou-se o primeiro presidente negro do país. Outro assunto que chama a atenção no cenário internacional é a preocupação com o meio ambiente. Em 1992 ocorreu no Rio de Janeiro a primeira conferência mundial para o meio ambiente, conhecida como ECO 92, reunindo várias autoridades internacionais para discutir o desenvolvimento sustentável.

Culturalmente, os artistas também tinham mais liberdade. Foi realizada a segunda edição do festival Rock in Rio em 1991 e na música brasileira o BRock ainda predominava nas paradas de sucesso, junto ao pagode, o sertanejo e o axé. Tanto o hardcore quanto o emocore estavam no início e eram pouco conhecidos. O principal público do emo estava nos grandes centros urbanos, nos jovens das classes trabalhadoras média e baixa.

Fica evidente, de início, a falta de gravações exclusivamente do emocore nesse período. As músicas e os grupos musicais que se identificam com o emocore já existiam, mas o movimento

ainda estava no início e os grupos não chamavam a atenção de gravadoras e produtoras musicais. Poucas gravações são encontradas dos grupos citados nas referências. As gravações encontradas são de chamadas fitas “demo”, fitas cassete gravadas de maneira independente para serem distribuídas como material de divulgação do grupo musical. As primeiras músicas selecionadas, porém, apresentam familiaridade com o pressuposto do movimento emo. Isto é, letras com temática sentimental e sonoridade agressiva, ainda que feita por grupos musicais punk e hardcore.

O grupo Garotos Podres é um grupo de punk formado em 1982 em Mauá, São Paulo. Na época, todos os integrantes eram estudantes e participavam do Alicerce da Juventude Socialista, grupo de orientação trotskista próximo ao Partido dos Trabalhadores. O grupo faz canções de protesto com críticas ao capitalismo e mensagens libertárias.

O Dead Fish surgiu em Vitória, Espírito Santo, em 1991. Lançou em 1995 a sua primeira fita demo intitulada *Re-Progresso*, contando com as músicas *Lost soul* e *You against*. Em 1999 o grupo montou a sua própria gravadora, a Terceiro Mundo produções fonográficas, pela qual gravou seus próximos três álbuns. Em 2004 receberam o prêmio VMB de Banda revelação, cedido pela MTV Brasil. Em 2008 receberam o VMB de Melhor Banda de hardcore. Em 2014 o grupo bateu o recorde nacional de arrecadação na plataforma de financiamento coletivo Catarse, para gravação de um novo disco.

O grupo Hateen foi criado em 1994 em São Paulo. *Blind youth* foi a primeira fita demo gravada pelo grupo em 1994, seguida do primeiro álbum, *Hydrophobia*. Os primeiros quatro álbuns contavam apenas com músicas em inglês. A partir do quinto álbum, o grupo passou a incluir músicas em português, influenciados pelo sucesso das composições que o vocalista Rodrigo Koala fazia para o grupo CPM22. O quinto álbum, primeiro em português, teve maior acolhimento pelo público e conta com uma das composições de maior sucesso do grupo, *1997*, que atingiu o primeiro lugar no Top 20 da MTV Brasil. Em 2006, o grupo ganhou o prêmio VMB de Banda revelação.

4.1.2 Análise musical

As três canções têm a mesma instrumentação: uma guitarra, baixo, bateria e voz. Chama a atenção o fato de todos os grupos terem na formação apenas uma guitarra, apontando uma simplificação instrumental. Em relação ao vocal, todos são agressivos, beirando um grito, sem serem distorcidos ou usarem algum efeito de voz rouca, gutural ou *drive* vocal. Os solos de guitarra são simples, isto é, curtos, com repetição de frases melódicas e de intervalos próximos.

Das letras, apenas *Oi, tudo bem?* do Garotos Podres, tem a letra em português, enquanto as outras têm a letra em inglês. O grupo Garotos Podres já estava há mais tempo em atividade

dentro do movimento punk brasileiro, enquanto os outros grupos ainda apresentavam uma grande influência do movimento vindo do exterior. Por isso, utilizaram o idioma inglês nas letras das composições. Porém, estes grupos utilizam o português mais tarde. Embora a música *Oi, tudo bem?* seja de um grupo ligado ao punk, ela foi escolhida pela temática que reflete o pensamento que deu início ao emcore: a frustração e o descontentamento dos jovens socialmente, expressados de forma introspectiva e sentimental.

Oi! Tudo bem?
 Tudo bem...
 Fora o tédio que me consome todas 24 horas por dia!
 Fora a decepção de ontem, a decepção de hoje e a desesperança crônica do amanhã!
 Tenho vontade de chorar, raiva de não poder!
 Quero gritar até ficar rouco, quero gritar até ficar louco!
 Isso sem contar a ânsia de vômito, reação a tal pergunta idiota!
 Fora tudo isso... tudo bem!
 (letra de *Oi! Tudo bem?* do Garotos Podres).

As outras canções têm temática igualmente sentimentalista. A seguir, trechos das letras de *Lost soul*, *Blind youth* e *You against*:

*Why it has to be like that
 My world is lost and I can't find itself
 Patience is gone from me right now
 And there's anybody else
 My soul is dead inside of me
 And there's no other way it can be
 The tension is complete and I can't
 turn
 I guess that my soul will burn
 I guess that my soul will run*

Por que tem de ser sempre assim
 Meu mundo está perdido e eu não consigo encontrar
 Paciência se esgotou de mim agora mesmo
 E não há mais ninguém
 Minha alma está morta dentro de mim
 E não há outra maneira possível
 A tensão está completa e eu não posso virar
 Eu creio que minha alma irá queimar
 Eu creio que minha alma irá fugir
 (trecho de *Lost soul* do Dead Fish traduzido livremente).

*Who has never fell in trouble?
 Who has never looked for a friend?
 When the world seems to blind you
 When your world falls down*

Quem nunca caiu em problemas?
 Quem nunca procurou por um amigo?
 Quando o mundo parece te cegar
 Quando seu mundo desmorona
 (trecho de *Blind youth* do Hateen traduzido livremente).

*It always have to be like that another
 word negative
 You always trying to be fucking higher
 than me
 But now I know that this attitude was
 pure fear of been denied
 But I don't mind this fucking shit dure
 ho punk guy*

Sempre tem que ser como aquela
 palavra negativa
 Você sempre está tentando ser maior
 que eu
 Mas agora eu sei que essa atitude era
 puro medo de ser negado
 Mas eu não me importo com esse
 maldito cara punk de merda

*It's always wrong, It always have to be
What I'm telling you is just you against
me
You always right*

Está sempre errado, sempre tem de
estar
O que eu estou te contando é apenas
você contra mim
Você sempre está certo
(trecho de *You against* do Dead Fish
traduzido livremente).

A música *You against* traz também uma crítica social expressada de modo mais direto, em forma de frases imperativas em tom de ataque e ironia, como mostrado no trecho:

*Cause this situation is not OK for your
image
You could lose money
Against a stinking fool, not at the
system guy
It's always wrong, it always have to be
What I'm telling you is just you against
me
You always right
A perfect world
Driven by perfect society*

Porque essa situação não é OK para
sua imagem
Você poderia perder dinheiro
Contra um tolo fedido, não com o cara
do sistema
Está sempre errado, sempre tem de
estar
O que eu estou te contando é apenas
você contra mim
Um mundo perfeito
Dirigido por uma sociedade perfeita
(trecho de *You against* do Dead Fish
traduzido livremente).

Em relação à forma, todas as músicas apresentam uma separação de estrofe e refrão, porém organizam de formas diferentes. *Oi, tudo bem?* apresenta uma estrutura com dois temas harmônicos, repetida duas vezes. *Lost soul* tem uma introdução seguida de estrofe e refrão: a estrutura se repete com um solo de guitarra sobre a harmonia da introdução e encerra com uma pequena coda². *Blind youth* é a música que tem a organização mais singular entre as selecionadas. A música é quase como duas em uma, primeiro começa com uma introdução com o tema A, seguido por duas estrofes de três versos, como num haicai, em tema B e uma estrofe em três versos no tema A, caracterizando o tema A como refrão. Depois segue no tema B com uma estrofe de quatro versos, como num soneto e acrescenta um tema C com quatro versos, criando um novo refrão no tema C e com uma coda utilizando o tema A instrumental. A música termina com o tema C instrumental seguido de dois versos no tema C. A música *Blind youth* se aproxima de uma forma canção³ tradicional com três temas repetidos três vezes com um breve interlúdio antes da terceira repetição.

Comparando o que foi apresentado pelas músicas analisadas com as características bases do punk e do hardcore dos Estados Unidos, nenhuma das canções selecionadas apresenta algum

² Floreio final de um trecho musical (dicionário Priberam).

³ Estrutura de canção popular geralmente constituída de introdução, estrofe, refrão, repetição da estrofe, repetição do refrão, ponte musical e conclusão.

elemento exótico. As quatro músicas são parecidas nos aspectos musicais, isto é, harmonia, melodia e ritmo. A própria instrumentação dos grupos é a mesma. As características encontradas no emcore deste recorte temporal são o uso da língua inglesa como idioma predominante nas letras, o ritmo rápido, principalmente da bateria, que lembra uma variação do *backbeat* do rock, o vocal quase gritado, e as guitarras carregadas de efeitos de distorção.

4.2 Emo no período de 1995 a 1999

As músicas selecionadas são: *Lead a pointless life*, do Garage Fuzz, de 1995; *Conformismo e resistência*, do Blind Pigs, de 1997; *Left*, do Dance of Days, de 1997; *Sonho médio*, do Dead Fish, de 1999. As músicas foram selecionadas com base na bibliografia.

4.2.1 Contexto histórico

Este período dos anos 1990 foi marcado por importantes inovações tecnológicas. Entre elas, a chegada CD e do DVD e o crescimento da internet e dos sistemas operacionais de computadores. Na política, Fernando Henrique Cardoso tomou posse como presidente em janeiro de 1995. Na economia, o Brasil estabilizou o Real e em 1999 a União Europeia adotava o euro em 11 países. Esse período também foi marcado por guerras no Leste Europeu e no Oriente Médio. A cultura brasileira foi marcada com a morte dos integrantes do grupo Mamonas Assassinas num acidente de avião em 1995 (Almanaque Abril, 2001; Mota, 1997).

O grupo Garage Fuzz foi formado em 1991 em Santos, São Paulo. O grupo foi indicado ao prêmio de Melhor Banda de hardcore no VMB 2009 e ganhou o prêmio Dynamite de Melhor álbum punk/hardcore em 2013. O grupo gravou pela internacional Roadrunner, lançando seu primeiro disco em mais de 15 países, e tocaram com o grupo Fugazi, pioneiros do emo.

O Blind Pigs Surgiu em 1993, em São Paulo e gravaram a primeira demo no mesmo ano de sua fundação. Em 1995 foram descobertos por Jay Ziskrout, primeiro baterista do grupo punk americano Bad Religion, em passagem pelo Brasil em busca de novos talentos para sua nova gravadora. O grupo assinou contrato com a Paradoxx, licenciada da Epitaph no Brasil, e vendeu mais de 10 mil cópias. Em 2000, os integrantes começaram seu próprio selo independente, a Sweet Fury Records.

O Dance of Days surgiu em 1997 como projeto do músico e escritor Nenê Altro, já conhecido na época como vocalista do grupo de hardcore *straight edge* Personal Choice, conhecido nacionalmente. Com isso, o grupo já começou em destaque e tocando em vários lugares,

incluindo a terceira edição do festival Goiânia Noise, no mesmo ano. Ainda em 1997, lançaram o primeiro álbum, *Six first hits*, vendendo mais de 10 mil cópias e sendo reconhecidos pela revista americana *Maximum Rock and Roll* como “promessa do rock brasileiro”. Ganharam notoriedade e foram convidados ao programa Muzikaos da TV Cultura, ganhando mais espaço nacionalmente.

As músicas selecionadas refletem o sentimento do jovem em relação aos acontecimentos da época em suas letras. As gravações já são encontradas mais facilmente nesse período com a evolução da tecnologia, a popularização dos computadores e o CD no final da década.

4.2.2 Análise musical

A instrumentação continua a mesma que no período anterior: guitarra, baixo, bateria e vocal. Porém, alguns grupos começam a trabalhar duas guitarras com papéis e melodias diferentes. Aqui também se nota uma preocupação maior com a forma musical e principalmente com a mensagem contida nas letras, visto que os grupos começam a adotar mais a língua portuguesa em suas composições.

A forma começa a ser mais definida. *Lead a pointless life* e *Sonho médio* são divididas com dois temas, estrofe e refrão com solo de guitarra em uma das duas partes. *Conformismo e resistência* e *Left* baseiam-se na forma canção com três partes. *Conformismo e resistência* é feita sobre introdução, estrofe e refrão duas vezes e uma conclusão no refrão. *Left* é composta por introdução e estrofe duas vezes, refrão e uma conclusão.

Conformismo e resistência, do Blind Pigs, e *Sonho médio*, do Dead Fish, são as duas canções em português e aquelas que mais carregam o tema de protesto.

Colocamos correntes
Pessoas em grilhões
Vendidas como mercadoria
Assim construímos a nação
Somos gigantes pela própria natureza
Um presente de deus
Um povo alegre e sensual
Conformismo e resistência
Conformismo e resistência
Progresso é nossa penitência
(trecho de *Conformismo e resistência*, do Blind Pigs).

Amanheceu mais uma vez
É hora de acordar para vencer
E ter o que falar
Alguém para mandar
Uma vida pra ordenar
Poder acumular
E ai então viver, viver e prosperar

Mais nada a pensar
Me myself and I
 E assim permanecer
 Credicard e status quo
 É tudo que penso ser, ilusão é questionar
 O sonho médio vai, vai te conquistar
 E todo dia iremos juntos ao shopping pra gastar
 (trecho de *Sonho médio*, do Dead Fish).

Lead a pointless life, do Garage Fuzz, também carrega um protesto, mas em uma abordagem mais sutil, de descontentamento e frustração.

*Can you tell me all I need do know?
 She's the one who knows there's no one
 out there
 Hearing things you'll never hear
 Maybe that's the way you want them to
 be
 All this change
 Will be broken by time
 I will let you know
 When something wrong happens with
 me*

Você pode me contar tudo o que
 preciso saber?
 Ela é a única que sabe que não há
 ninguém lá fora
 Ouvindo coisas que você nunca irá
 ouvir
 Talvez seja assim que você queira que
 fiquem
 Toda essa mudança
 Será corrompida pelo tempo
 Eu deixarei você saber
 Quando algo de errado acontecer
 comigo
 (trecho de *Lead a pointless life* do
 Garage fuzz traduzido livremente).

Left, do grupo Dance of Days, é a que tem a temática da letra mais introspectiva e carregada de sentimentalismo, como uma súplica ou um lamento.

*You've ruined my day, now I'm crying
 I feel no resentment in you
 What have you got taking the ground
 from me?
 What has improved your life making me
 feel like this?
 Sometimes I feel you're nothing but
 perverse
 But that's a kind of thought that scares
 me*

Você arruinou o meu dia, agora eu
 estou chorando
 Não sinto ressentimento em você
 O que você ganhou tomado o meu
 chão?
 O que melhorou na sua vida fazendo eu
 me sentir assim?
 Às vezes sinto que você não é nada
 além de perverso
 Mas esse é um tipo de pensamento que
 me assusta
 (trecho de *Left* do Dance of Days
 traduzido livremente).

De forma geral, as quatro músicas carregam um aspecto sonoro agressivo, com ritmo rápido, guitarras com efeitos de distorção e vocais gritados. Mas as letras chamam a atenção ao verdadeiro conteúdo, principalmente na canção do Dance of Days, que mais se aproxima da proposta inicial do emocore. A utilização do idioma português, no entanto, é algo novo para os grupos nesse período, visto que a maior parte das composições anteriores eram em inglês.

4.3 Emo no período de 2000 a 2004

As músicas selecionadas para análise no período são: *Me leve às estrelas*, do grupo Dance of Days, de 2001; *Medo*, do grupo Sugar Kane, de 2001; *Quem matou o Bozo?* do grupo Cueio Limão, de 2002; *História de Verão*, do Forfun, de 2003; *Onde está*, do grupo Fresno, de 2004. As músicas foram selecionadas com base na bibliografia e em listas de empresas de aferição de músicas mais tocadas em emissoras de rádio e sistemas de transmissão.

4.3.1 Contexto histórico

Este período foi de calma na política e economia brasileira. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva assumiu o cargo em 2003 após ser eleito em 2002 e teve seu governo voltado aos projetos sociais. No exterior, os conflitos internacionais marcam a época. Em 2001 os Estados Unidos sofreram o maior ataque terrorista da história, com aviões sendo atirados contra os prédios do World Trade Center e do Pentágono, dando início à invasão americana ao Afeganistão. Em 2003, o ditador iraquiano Saddam Hussein foi deposto e condenado à pena de morte. Vladimir Putin foi eleito presidente da Rússia, que participou de vários conflitos com países vizinhos após a queda da União Soviética.

Além dos conflitos, o que mais marca a época foi o desenvolvimento tecnológico, principalmente pela expansão da internet. O surgimento da internet banda larga, em substituição à internet discada, permite mais possibilidades na rede de computadores, como a criação de redes sociais como o Orkut, MySpace e Fotolog e o armazenamento e compartilhamento de arquivos digitais virtualmente. O desenvolvimento das mídias também tem destaque: o formato de áudio digital mp3 criou uma nova era na indústria musical, possibilitando o compartilhamento de música em sítios da internet, inclusive ilegalmente e a criação dos mp3 *players* e do Ipod. Tudo foi muito utilizado pelos grupos musicais que surgiram na cena brasileira de hardcore. Era possível criar uma página em uma rede social para ser visto pelos fãs e compartilhar suas músicas pela internet. A partir desse ponto, o sucesso na internet passou a contar como sucesso comercial (Lavinias, Gentil, 2018).

O grupo Sugar Kane nasceu em Curitiba no ano de 1997. O grupo foi fundado pelo vocalista Alexandre Capilé e contou com várias formações. O primeiro álbum tinha apenas músicas em inglês e o grupo começou a usar o idioma português apenas a partir do segundo álbum. O quinto disco de estúdio, *Diversão esquizofrênica para mentes ociosas*, rendeu ao grupo o prêmio Dynamite de Melhor disco e o prêmio Zonapunk de Disco do ano, em 2007.

Em Dourados, Mato Grosso do Sul, surgiu o grupo musical Cueio Limão no ano 2000. Em 2004 o grupo lançou seu primeiro disco *Quem matou o Bozo?* com uma temática bem-humorada, vendendo mais de 4 mil cópias e vários downloads. Foram indicados ao prêmio VMB de 2007, oferecido pela MTV, na categoria Aposta MTV.

O grupo Forfun foi formado no Rio de Janeiro em 2001 e em 2003 lançaram seu primeiro álbum, *Das pistas de skate às pistas de dança*. A música *História de verão* foi eleita pelo site da MTV Brasil como aquela que mais marcou a carreira do grupo. O grupo teve vários programas especiais na MTV Brasil, incluindo o especial Artista do Mês de outubro de 2007. O grupo ganhou o VMB de Melhor Banda de rock em 2009 e o prêmio Rock Show de Disco do ano pelo álbum *Alegria compartilhada*, de 2011.

O grupo Fresno surgiu em Porto Alegre em 1999, formado pelo vocalista Lucas Silveira e o guitarrista Gustavo Mantovani. O grupo também contou com a participação do baixista Rodrigo Tavares, que saiu em 2012 para trabalhar em projeto solo sob o pseudônimo Esteban. Em 2001 Fresno gravou sua primeira demo, *O acaso do erro*, com seis faixas. Em 2003 lançaram o primeiro álbum de estúdio, *Quarto dos livros* e no ano seguinte lançaram o segundo disco, *O rio, a cidade, a árvore*. A faixa *Onde está*, do segundo disco, ganhou posição nas paradas de sucesso, dando destaque para Fresno nacionalmente. Em 2007 ganharam o prêmio VMB de Banda Revelação, em 2009 quatro prêmios VMB nas categorias Vocalista do ano, Baixista do Ano, Artista do Ano e Melhor Artista Pop, além do prêmio Multishow de música brasileira como Melhor Grupo. Em 2012 e 2013 ganharam o prêmio Rock Show de Clipe do Ano e Vocalista do Ano, respectivamente. Em 2013 também foram indicados a três prêmios EMA, oferecidos pela MTV europeia, nas categorias Best Brazilian act, Latin American act e Worldwide act, ganhando os dois primeiros. Fresno é ainda hoje o grupo brasileiro de emocore de mais sucesso comercial nacional e internacionalmente.

4.3.2 Análise musical

As músicas começaram a apresentar uma sonoridade diferente da característica do hardcore. Foi nesse período que o emocore se aproximou de outros estilos musicais, ficou mais *pop* e começou a ser mais explorado pela indústria cultural. Foi nesse período que grupos musicais começaram a chamar a atenção de grandes gravadoras e assinar contratos com as mesmas.

A instrumentação continua com guitarra, bateria e baixo, mas com algumas inovações. Em *Onde está* do grupo Fresno, podemos ouvir um piano na parte final da música. O grupo Forfun

também utiliza teclados e chega a acrescentar percussão e metais em outras músicas. Isso se deve à influência que o Forfun traz do reggae e do ska.

A forma continua sendo parecida com as anteriores. Mas as músicas *Me leve às estrelas*, *História de verão* e *Onde está* incluem uma terceira parte caracterizada por ser diferente do refrão e das estrofes. Essa parte é mais lenta que as outras e às vezes pode ser apenas instrumental, sendo uma preparação para a repetição do refrão ou um final para a música. A inclusão de um trecho como esse passa a ser comum nas músicas do movimento emo.

Todas as letras agora são em português. Isso pode ter acontecido por uma vontade dos autores de terem sua mensagem recebida mais facilmente e também por criar um maior apelo comercial para a difusão das peças no mercado brasileiro. O tema das músicas é sempre sentimental e não político como em alguns casos anteriores. Nessas letras há um eu-lírico que pergunta, como a uma pessoa amada, suplica e desabafa suas frustrações. Até mesmo na música mais cômica, *Quem matou o Bozo?* o eu-lírico parece ser uma criança frustrada porque não pôde ver o palhaço que, na vida real, teve seu programa retirado do ar no mesmo ano da morte do último intérprete (Garcia, 2017; Bortoloti, 2017).

Nesse período é evidente como a aproximação com a música *pop* e a indústria cultural modifica o emcore. As músicas ganham elementos novos, como instrumentos novos, seções mais lentas e a influência de outros gêneros, para formatar a música na indústria musical.

4.4 Emo no período de 2005 a 2009

Neste período, as músicas escolhidas para análise são: *Um minuto para o fim do mundo*, do grupo CPM22, de 2005; *1997*, de Hateen, de 2006; *Razões e emoções*, do grupo Nx Zero, de 2006; *Desde quando você se foi*, Fresno, 2008. As músicas foram selecionadas com base na bibliografia e em listas de empresas de aferição de músicas mais tocadas em emissoras de rádio e sistemas de transmissão.

4.4.1 Contexto histórico

O período foi marcado por grande movimentação política, desastres naturais e não naturais. Na política, George W. Bush foi reeleito nos Estados Unidos em 2004 e Lula foi reeleito no Brasil em 2006. Mulheres assumiram a presidência de diversos países: em 2005 Angela Merkel na Alemanha e Michelle Bachelet no Chile. Em 2007, Cristina Kirchner na Argentina. Barack

Obama foi eleito o primeiro presidente negro dos Estados Unidos em 2008. Surgiram denúncias de corrupção no caso do mensalão em 2005 e o ministro da Casa-civil, José Dirceu é cassado.

O furacão Katrina atingiu os Estados Unidos, enchentes atingiram o Estado de Santa Catarina e grandes acidentes com aviões comerciais foram registrados.

A tecnologia continua crescendo. Transmissão de dados por redes sem fio, armazenamento em *pen drives* tornam os disquetes obsoletos, a internet e as redes sociais crescem como meio de exposição dos trabalhos dos grupos musicais. As comunidades do Orkut e Fotolog são “medidores” para o sucesso dos grupos. Com o auxílio da internet e o interesse do mercado fonográfico e indústria cultural, o emo teve seu auge nesse período.

O grupo CPM22 foi formado em 1995 em Barueri, São Paulo. Entre os membros estão o vocalista Fernando Badauí e o baterista Ricardo Japinha, que já havia tocado com o grupo Hateen. Em 2008 o grupo ganhou o Grammy Latino de melhor álbum de rock brasileiro com o álbum *Cidade Cinza*, de 2007 e em 2015 se apresentaram na sexta edição do festival Rock in Rio. O CPM22 também foi o primeiro grupo a se apresentar na casa de shows Hangar 110 em São Paulo, conhecida por ser um grande palco para os maiores grupos de hardcore do país.

O grupo Nx Zero foi formado em São Paulo no ano de 2001 por Diego Ferrero (vocal), Leandro “Gee” Rocha (guitarra), Daniel Weksler (bateria), Filipe Ricardo (guitarra), Caco Grandino (baixo) e pelo ex-integrante Yuri Nishida (guitarra e vocal). O grupo lançou seu primeiro álbum, *Diálogo*, em 2004 pela Urubuz Records, vendendo mais de 200 mil cópias. Foi o primeiro grupo independente a conseguir alcançar a primeira posição no programa Disk MTV. Em 2006 o grupo assinou contrato com Arsenal Music/Universal Music com o produtor Rick Bonadio, famoso por produzir artistas e grupos de sucesso como o Mamonas Assassinas. O grupo ganhou dezenas de prêmios, incluindo o Grammy Latino de melhor álbum de rock brasileiro em 2009.

4.4.2 Análise musical

A forma musical é um detalhe notável nas músicas analisadas. As músicas *Razões e emoções* e *Desde quando você se foi* adotam uma estrutura muito similar, com estrofe, pré-refrão, refrão e uma parte mais lenta, um interlúdio, antes do último refrão e uma conclusão. A música *Um minuto para o fim* do mundo apresenta uma estrutura mais simples, com uma introdução, estrofe, refrão e conclusão. Enquanto isso, a canção *1997* tem uma estrutura difícil de ser dividida, dando a impressão de que a música se desenvolve e cresce até a sua conclusão por uma única estrutura com algumas leves mudanças e repetições. Essa organização de *1997* favorece a letra, que é colocada em primeiro plano, como o enredo de uma história. Novamente, todas as letras são

em português. O conteúdo de nenhuma das músicas é político, todas as letras são sentimentais e baseiam-se em histórias de amor mal resolvidas.

Quanto à instrumentação, o mesmo conjunto continua aparecendo e o grupo Fresno é o único que utiliza teclados e sintetizadores na música. Os grupos Fresno e Nx Zero são aqueles que fazem mais sucesso nesse período analisado, tendo suas músicas entre as cem mais tocadas nas paradas de sucesso, tocadas nas rádios e participando de programas de televisão.

4.5 Emo no período de 2010 a 2014

Foram selecionadas para análise nesse período as seguintes músicas: *Levo comigo*, de Restart, de 2010; *Só rezo*, de Nx Zero, de 2010; *Horizontes*, do grupo Glória, de 2012; *Infinito*, de Fresno, 2012; *Fluxo perfeito*, de Strike, 2012. As músicas foram selecionadas com base na bibliografia e em listas de empresas de aferição de músicas mais tocadas em emissoras de rádio e sistemas de transmissão.

4.5.1 Contexto histórico

A época foi marcada por crises econômicas e sociais e desastres naturais. Um vulcão na Islândia entra em erupção em 2010 causando um caos aéreo para aeronaves, um terremoto levou ao incidente na usina nuclear de Fukushima no Japão em 2011, o furacão Sandy em 2012 nos Estados Unidos destruiu milhares de construções e deixou desabrigados. Na política e economia, Dilma Rousseff foi eleita a primeira mulher presidente do Brasil, Barack Obama e Hugo Chávez são reeleitos e o papa Bento XVI renunciou ao cargo, sendo seguido pelo Papa Francisco, o primeiro latino-americano. Notícias de corrupção do caso mensalão voltam a surgir acompanhadas de vários protestos pelo Brasil em 2013, contando com o surgimento do grupo Black Bloc em protestos radicais e violentos. As notícias de corrupção na Petrobras são foco da operação Lava Jato, uma das maiores da polícia federal contra a corrupção. Crises econômicas atingem a Europa e a Venezuela. Também houve vários atentados terroristas, com atiradores na Noruega, Estados Unidos e Rio de Janeiro, além de ondas de violência no Oriente Médio. Vários países do Norte da África e Oriente Médio tiveram protestos populares por democracia na chamada Primavera Árabe.

Em meio às tragédias e revoltas populares que marcaram o período, algumas músicas analisadas, mesmo que tenham feito muito sucesso comercial, parecem destoante da realidade em relação à sua temática, talvez vindas do período anterior, ou por padronização da indústria cultural. Mesmo assim, o tom de frustração e descontentamento ainda aparece no emcore.

O grupo Restart começou em 2008, em São Paulo, com os integrantes Pedro Lucas (guitarra e voz), Pedro Lanza (baixo e voz), Koba (guitarra) e Thomas (bateria). O grupo vendeu mais de 100 mil cópias do seu álbum de estreia, ganhando o Disco de Platina da Associação Brasileira dos Produtores de Discos. O grupo também ganhou cinco prêmios VMB da MTV em 2010, incluindo o prêmio de Artista do Ano (Abos, 2011). O grupo ficou conhecido pelo visual colorido de suas roupas, cabelos desgrenhados e iconografia utilizada (Monteiro, 2011; Monteiro, 2012).

O grupo Gloria foi formado em 2002 Pelo vocalista Mi Vieira com os integrantes do Nx Zero, Yuri Nishida (baixo) e Gee Rocha (guitarra). Os dois últimos citados deixaram o grupo para a entrada de Elliot Reis (guitarra e vocal) e Peres Kenji (guitarra). Originalmente a bateria era tocada por Denis Mendes, que até então tocava com o músico Marcelo Nova. Vários instrumentistas assumiram a bateria. Entre eles, Eloy Casagrande que saiu do Gloria para tocar com o grupo brasileiro de heavy metal Sepultura. Após abrir os concertos do grupo Fresno em 2007 o Gloria foi chamado para a gravadora Arsenal/Universal Music, trabalhando com o produtor Rick Bonadio, mesmo de Fresno, Nx Zero e CPM 22. Nesse período, o grupo teve mais de um milhão de *downloads* no site Tramavirtual, no qual chegou a ter sete músicas no top dez por mais de um ano. Em 2011 o grupo abriu o palco principal do festival Rock in Rio. O grupo traz referência do movimento musical metalcore, que mistura o hardcore com o heavy metal, ganhando uma sonoridade mais agressiva e ao mesmo tempo mais melódica.

O grupo Strike foi formado em 2003 na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais pelo vocalista Marcelo Mancini com Rodrigo Maciel (guitarra), André Maini (guitarra), Fábio Barroso (baixo) e Cadu (bateria). Pouco tempo depois o DJ Negro Rico entrou para o grupo. A sonoridade do grupo é uma mescla do hardcore com rap e o chamado *skate punk*. O Strike ganhou o prêmio VMB da MTV de Aposta em 2007 e Revelação em 2008.

4.5.2 Análise musical

O primeiro aspecto que pode ser destacado é a forma musical. Em relação aos períodos anteriores, as músicas selecionadas nesse período têm a forma mais definida. Isto é, o emo parece ter uma forma própria na qual a maioria das músicas foram feitas. A forma consiste de uma introdução seguida da estrofe, refrão, repetição da estrofe e refrão, uma terceira parte diferente, por vezes mais lenta, antes ou depois da repetição do último refrão e uma conclusão que pode ser apenas instrumental. A forma é bem mais próxima da forma canção tradicional.

A instrumentação agrega mais do que o tradicional conjunto de guitarra, bateria e baixo. As músicas contam com pianos, teclados e sintetizadores. Na música *Fluxo perfeito* podemos perceber efeitos como o “arranhar de discos” comum a DJs de hip hop e música eletrônica. Também notamos efeitos diferentes sobre os instrumentos. As guitarras têm uma distorção mais leve e, às vezes, quase distorção nenhuma, aproximando-se ao som limpo do instrumento.

As letras são todas em português. As músicas *Levo comigo* e *Fluxo perfeito* têm como tema o amor, a relação do eu-lírico com a pessoa pretendida.

E eu quis escrever uma canção
 Que pudesse te fazer sentir
 Pra mostrar que o meu coração
 Ele só bate por ti
 Como uma bela melodia pra dizer
 O que eu não consigo explicar
 Como uma bela melodia pra você ver
 O que eu queria te falar
 E dizer que é você
 Que pode me mudar
 Que pode me salvar
 E eu vou te esperar aonde quer que eu vá
 Aonde quer que eu vá te levo comigo
 E eu vou te esperar aonde quer que eu vá
 Aonde quer que eu vá te levo comigo
 (trecho de *Levo comigo*, do Restart).

E ela me faz tão bem, quando cai à noite eu sou refém
 E ela me faz tão bem, sem você não sou ninguém
 Hoje eu vou me entregar trilhar
 Com você pra onde você for
 Pra que lógica quando se vê que é o amor
 (trecho de *Fluxo perfeito*, de Strike).

A música *Infinito* traz um tema mais contemplativo e nostálgico, carregado de sentimentalismo, enquanto o eu-lírico imagina fugir de um lugar ou uma situação e no que deixaria para trás e descobriria.

Mas se eu pintar um horizonte infinito
 E caminhar
 Do jeito que eu acredito
 Eu vou chegar em um lugar só meu
 Lá pode ter um novo amor pra eu viver
 Quem sabe uma nova dor pra eu sentir
 A droga certa pra fazer te esquecer
 Vai apagar a tua marca de mim
 Tudo pode estar lá
 Quem dera poder partir
 Sem tchau, sem mala, sem nada
 Ver bem de longe o meu planeta
 (trecho de *Infinito*, de Fresno).

Só rezo, de Nx Zero, tem um tema mais relacionado à intenção do eu-lírico de ser si mesmo e não se sentir confortável numa sociedade.

Só Deus sabe o quanto eu corri
 E o que fiz pra chegar aqui
 Esse mundo não é mais meu
 Não me rendo nem me entrego
 Mas posso ver uma luz lá no fim
 Será que alguém ainda olha por mim?
 Não me julgue por não ser igual
 Carrego a verdade aqui no olhar, no olhar
 Eu só rezo pra ficar bem
 Eu sei que vai
 Acredito que vai ficar tudo bem
 (trecho de *Só rezo*, de Nx Zero).

A música *Horizontes* do grupo Gloria, feita em parceria com o vocalista Lucas Silveira, do Fresno, é que tem a letra mais introspectiva e melancólica.

Meus olhos eu não abro mais
 Pois sei que vão fugir
 Pra não ver mais o que eu vi
 Às vezes sinto o céu cair
 Pesando sobre mim
 Pra me lembrar do que eu fiz
 Mas eu não sei se essa voz é você aqui
 Mas eu não sei pra onde ela vai levar
 Quero voar pra bem longe só pra você vir me encontrar
 Mas eu não sei, se esse dia vai chegar
 Não tenho horizontes, eu navego nesse mar
 Não existe procura sem algo pra encontrar
 Não vai ser como antes, eu me nego a fracassar
 Sou doente sem cura, sem casa pra voltar.
 (trecho de *Horizontes*, do Gloria).

Nessa época, o emo ainda estava em seu auge em meio à música da indústria cultural. O sucesso midiático pode ter levado o movimento a seguir um formato específico de composição das músicas, sendo formatado pelo contato com a indústria. Como podemos ver nas músicas analisadas, todas têm a mesma estrutura básica e temática sentimental. A agressividade que o emo carregava do hardcore ficou mais “controlada” com a sonoridade das guitarras mais “limpas”, sem distorção ruidosa. O sucesso no meio dessa indústria, porém, foi diminuindo ao final desse período.

4.6 Emo no período de 2015 a 2019

As músicas selecionadas são: *Hoje eu sou trovão*, do grupo musical Fresno, de 2016; *Um leão por dia*, do grupo Medulla, de 2018; *Natureza caos*, de Fresno, de 2018; *Voa*, do grupo Gloria,

de 2019. As músicas foram selecionadas com base na bibliografia e em listas de empresas de aferição de músicas mais tocadas em emissoras de rádio e sistemas de transmissão.

4.6.1 Contexto histórico

O período é marcado por grande tensão política no Brasil e em outros países. Os britânicos votam pela saída do Reino Unido da União Europeia após revoltas e protestos populares. Milhares de refugiados dos países do Oriente Médio tentam entrar na Europa e venezuelanos migram para outros países da América do Sul após a crise na Venezuela. O empresário Donald Trump é eleito presidente nos Estados Unidos. A Coreia do norte anuncia um programa de armas nucleares. Atentados terroristas são registrados em várias cidades ao redor do mundo, incluindo uma creche em Janaúba, Minas Gerais e a uma escola em Suzano, São Paulo, despertando debates sobre saúde mental e *bullying*. Assassinatos em Charlottesville, nos Estados Unidos reacendem o debate sobre intolerância racial. Ataque com armas químicas e bombardeios acontecem na guerra na Síria.

No Brasil a tensão política aumenta. A investigação da operação Lava Jato avança e a presidente reeleita, Dilma Rousseff, tem seu *impeachment* aceito pelo ministro da câmara Eduardo Cunha, que também tem seu mandato cassado e é preso pela mesma investigação. É decretada a prisão do ex-presidente Lula, por corrupção passiva em 2018, ano em que o mesmo tenta a eleição para presidente. Também são presos governadores dos estados do Paraná, Goiás, Minas Gerais e Rio de Janeiro. O presidente interino Michel Temer autoriza intervenção federal militar no Rio de Janeiro. Jair Bolsonaro é eleito presidente em 2018, tendo a pior avaliação entre presidentes no primeiro mandato após a ditadura, poucos meses após sua eleição (O Globo, 2019; Guimarães, 2019). Em fevereiro, descobriu-se que a família de Bolsonaro era ligada às milícias do Rio de Janeiro, que assinavam cheques em nome do filho Flávio Bolsonaro (Alessi, 2019; Lima, 2019). Grandes queimadas atingem a floresta amazônica e mobilizam o mundo inteiro, fortalecendo o crescimento de debates sobre a preservação ambiental (Ferreira; Bustamante, 2019).

Em meio a tantas tragédias causadas por humanos, a tensão política crescendo mundialmente e temas como racismo e sexismo sendo mais discutidos, os temas dos grupos em suas composições tornam-se de protesto. Os grupos utilizam do seu lugar na mídia para falarem sobre o mundo em que vivem e protestarem. A indignação, o descontentamento, a frustração, sempre estiveram entre os temas do emo e agora as letras são compostas de mensagens mais agressivas.

O único grupo a ser analisado que ainda não foi citado anteriormente é o Medulla. O grupo representa uma transição que o emo passa após deixar as paradas de sucesso. Nessa fase o emo não está na grande mídia, mas já influencia outros movimentos musicais que estão surgindo. O Medulla foi formado pelos gêmeos Raony e Keops (vocalistas), Alex Vinicius (guitarra) e Tuti AC (baixo) em 2005 em São Paulo. Após o lançamento do primeiro álbum, *O fim da trégua*, o grupo foi eleito revelação do festival Abril Pró Rock pelo jornal O Globo. O grupo mistura rock, jazz, hip hop, mangubeat e ritmos brasileiros e ganhou o prêmio Dynamite de Melhor álbum de rock por *O homem bom*, álbum de 2013, além de ter videoclipes exibidos entre os primeiros do Top MTV.

4.6.2 Análise musical

A música *Hoje eu sou trovão*, de Fresno, foi gravada com a participação de Caetano Veloso e segue a mesma estrutura de canção vista anteriormente. Já em *Natureza caos* a estrutura segue com a estrofe, um pré-refrão e o refrão, assim como *Um leão por dia*, que também tem três seções que repetem na mesma sequência. A música de Gloria, *Voa*, segue a estrutura completa citada no período anterior: introdução, estrofe, pré-refrão, refrão, repetição, interlúdio, refrão e conclusão.

As músicas concentram influência de vários outros estilos. Fresno apresenta uma influência de ritmos nordestinos em *Hoje eu sou trovão* e do *synthpop* em *Natureza caos*. *Um leão por dia* tem traços do rap e do trap, movimento que começou a ganhar destaque no período. Gloria continua com a influência do metalcore em *Voa*.

As letras refletem o caos político e social do período e são carregadas de protestos, apelos políticos e críticas sociais, além da temática de frustração característica do movimento. A letra de *Hoje eu sou trovão* remete ao descontentamento social:

Ah, eu vejo tanta harmonia
 No meio dessa confusão
 Na falta de poesia
 Hoje eu sou trovão
 Sou claridão no céu
 Eu sou fogo no chão
 Ah, se não fosse a teimosia
 De não concordar com o cão
 Ah, eu não mais existiria
 Eu sabia, eu sabia, eu sabia
 Isso é revolução
 (trecho de *Hoje eu sou trovão*, de Fresno e Caetano Veloso).

Medulla fala mais especificamente da intolerância racial, social e de gênero que permeou o período e reflete na realidade do cotidiano das classes mais baixas:

Querem nos separar
 querem nos dividir
 Querem nos separar, mas não vão conseguir
 Ocupar, Resistir!
 Ocupar
 Pra quem nunca teve nada, nada
 Um sorriso muda tudo
 Pretos e pobres, mulheres e trans, morrem
 Menores de prata nos trens, correm
 E toda a nossa gente que o governo mata
 Na minha boca tem a sede que sua boca mata
 Um leão por dia, sob o sol que ardia
 (trecho de *Um leão por dia*, de Medulla).

Em *Natureza caos*, Fresno se apropria de forma mais sutil do tema político, do caos social e da desigualdade que atingem o Brasil e no mundo:

E pro inferno, que atravessei
 Usei de combustível
 O ódio gratuito
 De quem achava impossível
 Não se atreva a duvidar de nós
 E hoje eu sei
 Do que nós dois somos feitos
 Mas custo admitir que eu não sou capaz
 De aceitar que a nossa natureza é o caos
 (trecho de *Natureza caos*, de Fresno).

Já a música *Voa*, do Gloria, lembra a temática característica do emo, de frustração, do desejo de libertação de algo nocivo.

Quantas vezes eu pedi pro céu
 Um pouco mais de piedade
 Plantar o sonho e ver nascer o amor, o amor
 Me leve desse lugar
 Voa, liberta esse medo da vida
 Voa, a gente ainda vai se encontrar
 Dessa vida não se leva nada a mais
 Do que as lembranças que temos daqui
 Vamos esquecer o que ficou pra trás
 E conseguir achar uma luz pra seguir
 (trecho de *Voa*, do Gloria).

A instrumentação segue com guitarra, baixo e bateria, mas usa muitos efeitos de sintetizadores, efeitos nas guitarras e baixo, além da voz. A música *Um leão por dia* ainda utiliza bateria eletrônica e efeitos criados no computador. Essa música foi produzida pelo Vocalista do grupo Fresno, Lucas Silveira, e aponta novos rumos para o emo enquanto influência para outros movimentos e estilos musicais.

Na década de 2010 o emo começou no seu auge e foi decrescendo em sucesso comercial, à medida em que se mesclava a outros estilos. No final da década o movimento estava mais próximo à música pop ou ao rock mais tradicional, mas também influenciou novos artistas e estilos que estavam surgindo.

4.7 O emo como influência e o futuro do movimento

Muitos grupos emo continuaram a carreira e seguiram com certo sucesso comercial, seja mais próximo ou mais longe da grande mídia de massa. Ao final da década de 2010, o cenário musical brasileiro e as paradas de sucesso foram tomadas por outros estilos, principalmente o sertanejo universitário e o funk. Mais de 30 anos depois do seu surgimento nos Estados Unidos, o emo parecia desgastado para a indústria cultural, mas foi tempo suficiente para que o movimento marcasse uma geração de artistas e se tornasse influência. Nessa mesma década, alguns artistas propuseram um retorno do emo às suas origens. Nos Estados Unidos, esse movimento ficou conhecido por *real emo* ou *emo revival*. Os grupos musicais utilizavam arranjos mais simples, com guitarras distorcidas e letras melódicas com temática sentimental, lembrando a sonoridade do início do emo nos anos 80.

Também nos Estados Unidos e no Brasil, outro movimento musical apresenta influências do emo e conquista mais espaço: o trap. O trap segue preceitos estéticos do rap e o artista geralmente canta uma rima sobre um ritmo feito em computador, utilizando uma bateria eletrônica e sintetizadores. Com a popularização dos computadores, da internet e dos programas de áudio, a produção musical se torna mais acessível e os artistas produzem a si mesmos. Os ritmos característicos do trap são geralmente criados em computador, com uma linha de baixo com o grave reforçado, bateria com toques de chimbau fechado acelerados e melodias minimalistas de sintetizador (Raymer, 2012). A temática inicial, assim como no rap, era a realidade das periferias, o tráfico de drogas, a violência e também a ostentação financeira. Logo, foram surgindo artistas do trap influenciados pelo emo, originando o chamado emo trap (Cavalcanti, 2018; Breda, 2018). Nos Estados Unidos, um dos artistas de mais sucesso foi Lil Peep. Suas letras falavam de amor, solidão e depressão utilizando a mesma linguagem dos rappers tradicionais. No Brasil o trap ganha força e um dos representantes do emo trap é o trapper Konai. As letras têm estes mesmos temas, como mostrado a seguir, em trecho da música *Oodal*:

Imagina ela nua
Dizendo que é sua
Ela nunca foi sua
Quão bem ela atua?

Dividimos a lua
 Luzes da rua
 E você repleta de uma beleza que é tão sua
 E a saudade se perpetua em nossos peitos
 E dá vontade de ligar só pra falar:
 Quanto tempo
 Peço mano pra que parem
 Meus demônios nunca param
 Lembrando de tu na *party*
 Por que todas elas partem?
 (trecho de *Oodal*, de Konai).

Ou na música *Uma música triste qualquer* de Lil Chainz e Novac, que traz um sentimentalismo ainda mais profundo e traz questões como ideação suicida:

Precisamos conversar amor
 Está no meu peito essa dor
 Eu não sei se isso vai acabar
 Mas você sumiu de mim
 Tu foi tão rápido assim
 E eu “tô” querendo me matar
 Não tenho mais forças pra continuar
 “Tô” com saudades de ti
 Eu nem cheguei no topo e quero me jogar
 Então esse é meu fim
 (trecho de *Uma música triste qualquer*, de Lil Chainz e Novac).

Os artistas do trap já disputam lugar entre as paradas de sucesso, tendo maior alcance na internet, onde videoclipes em canais oficiais na rede YouTube já têm bilhões de visualizações. Alguns artistas que faziam parte de grupos musicais emo também já investem em projetos dentro do trap. Marcelo Mancini, vocalista do grupo Strike, faz músicas dentro da sonoridade do trap em sua carreira solo. O ex-tecladista do grupo emo Cine, agora produz artistas no meio rap e trap. O vocalista do mesmo grupo, DH Silveira, hoje faz músicas trap que carregam a mesma temática sentimental. Di Ferrero e Gee Rocha também fazem músicas próximas ao *emo rap* em suas carreiras solo. Prova de que após o auge do emo entre 2000 e 2015, o movimento agora surge como influência para novos artistas e desperta interesse dos artistas que já se identificavam com o emo.

5 Considerações finais

O emo parece ter acompanhado os acontecimentos históricos que o cercaram em sua temática. O fim da ditadura e as crises econômicas nas décadas de 1980 e 1990 resultaram em letras com mais apelo político e protesto criadas pela juventude insatisfeita e reprimida pela ditadura em um movimento de contracultura, como narrado por Brandão e Duarte (1990). A aparente calma política no Brasil e a assimilação pela indústria cultural na década de 2000 permitiu que os grupos explorassem a temática sentimentalista que prevalece no emo e marca como característica do movimento durante seu auge nessa década. A grande agitação política mundial na segunda metade da década de 2010 fez com que os grupos voltassem a incluir uma temática com rogação política e social.

A evolução musical do emo se deu pela aproximação e assimilação do movimento pela indústria musical aliado ao crescimento da cultura digital que se desenvolvia paralelamente. Como visto anteriormente, a expansão da rede de computadores permitiu que os grupos musicais independentes administrassem sua própria imagem e divulgação por meio de comunidades virtuais em redes sociais. O crescimento virtual foi uma das coisas que chamaram a atenção das grandes gravadoras e produtoras musicais e da mídia de massa. Os concertos lotados também contribuíram para o crescimento mercadológico do emo. O primeiro festival de hardcore em São Paulo em 2005 reuniu mais de quatro mil e quinhentas pessoas, segundo Tyello Silva, do Dance of Days, no documentário *Do underground ao emo*. Concertos menores ainda reuniam milhares de pessoas. Como dito por Mi Vieira no mesmo documentário, “foi quando a cena *underground* virou *pop*, virou *mainstream*”. Ou seja, o sucesso da internet e dos grupos musicais por meio dela apoiou o sucesso crescente da cena hardcore e emocore no início dos anos 2000, fazendo com que o hardcore e o emo deixassem a posição de contracultura e passassem a ser assimiladas pelo *mainstream* da indústria cultural.

O contato com a indústria cultural a seguir moldou o movimento num formato mais padronizado. Como pode ser visto nas análises, o elemento musical que mais evidencia isto é a forma musical, que passou a ser normalizada e mais consistente, além dos diferentes instrumentos que foram agregados assim como a influência de outros estilos. A padronização visual acompanha a musical, os grupos se vestem de determinada maneira e os fãs adeptos ao emo seguem ao mesmo estilo visual em suas vestimentas. O mercado musical moldou o emo e o que já fazia sucesso começou a ser mais facilmente explorado e absorvido, chegando às paradas de sucesso. Os grupos venderam centenas de milhares de discos, tiveram seus videoclipes exibidos em emissoras de televisão e ganharam prêmios internacionais por seus trabalhos.

Ao final da década de 2010, o emo deixou seu auge e hoje está com menos força na indústria musical. A padronização pela indústria cultural criou um estereótipo que pode ter estagnado o emo. Porém muitos grupos continuam e alguns ainda transformam seus estilos para tentar sobreviver às mudanças da indústria cultural, mas muitos grupos também chegaram ao fim. Em contrapartida, o emo também deixou uma influência na indústria musical e nos artistas que estão em alta. Muitos artistas que estiveram ligados ao emo tornaram-se produtores de outros artistas. Outros, continuam suas carreiras, seja com o grupo musical ou em carreira solo.

A perspectiva do desenvolvimento do emo por décadas é ilustrada na seguinte tabela:

TABELA 2: PONTOS DO DESENVOLVIMENTO DO EMO EM CADA DÉCADA.



Durante a pesquisa bibliográfica, tivemos dificuldade para encontrar material bibliográfico científico sobre o movimento emo, recorrendo a todo material que pudemos encontrar na internet e obras de conteúdo relacionado ao tema para fazer as relações necessárias. Para isso também foi necessária uma comparação entre as referências, confrontando-as para conferir os dados cruzados e aprimorando o trabalho de pesquisa. A pesquisa sobre indústria cultural e história brasileira foi fundamental para compreender o desenvolvimento do movimento, uma vez que não parece possível separá-lo dos acontecimentos históricos que o cercam e nem da indústria cultural com a qual sempre lutou. Na contextualização histórica exploramos os assuntos que marcaram as épocas e estiveram presentes na mídia. Ainda que aparentemente distantes do discurso das músicas e do movimento emo, por meio dessa exposição dos fatos históricos buscamos compreender um panorama generalizado dos períodos para entendermos melhor as circunstâncias nas quais as músicas foram criadas.

Pudemos assim, chegar num panorama histórico do emo brasileiro, observando nas músicas analisadas sua evolução e sua padronização em meio à indústria cultural. Percebemos por meio da análise histórica como o emo se moldou e como a temática das canções refletiu

acontecimentos históricos afetada pelo sentimento daqueles que experienciaram cada época. Observamos também como a evolução do emo de uma cena *underground*⁴ de contracultura para o *mainstream* foi forjada pela indústria cultural de massas. Portanto, a metodologia empregada mostrou-se adequada para a investigação e demanda dos objetivos.

Podemos por meio das análises elencar alguns elementos frequentes do emo. O elemento mais constante em todo o período de existência do emo é a temática carregada de sentimento e frustração nas letras das canções. Outro elemento convencional é a intenção agressiva contida nas músicas, representada pela distorção das guitarras, ritmo acelerado e vocais “gritados”. Um elemento que teve variabilidade notável foi a forma musical. Constatamos que nos períodos iniciais, a forma não seguia um padrão e as músicas eram organizadas de diferentes maneiras, enquanto nos períodos em que o emo apresenta mais sucesso comercial e contato com a indústria cultural de massa, as músicas seguem um padrão similar na forma musical, especialmente as músicas com mais apelo comercial. Nos mesmos períodos de mais sucesso em meio à indústria cultural, nota-se que a instrumentação agregou outros elementos, como teclados, sintetizadores e outros efeitos digitais, mas o conjunto instrumental guitarra, baixo, bateria e voz é constante em todos os períodos analisados. Notamos algumas referências de outros estilos musicais, mas poucos foram os grupos que seguiram com uma sonoridade híbrida de estilos, destacando-se apenas algumas músicas emo que fazem essa combinação.

É interessante observar que os artistas ligados ao emo acabaram formando uma espécie de comunidade, visto que existem muitas trocas de integrantes entre os grupos musicais assim como trabalhos em conjunto, seja por participações em músicas ou pela produção musical. Muitos grupos fundaram seus próprios selos e muitos dos artistas tornaram-se produtores, produzindo outros grupos dentro e fora do emo, como aconteceu principalmente depois que o movimento deixou as paradas comerciais de sucesso.

Em relação à contribuição do emo para indústria cultural, pudemos observar como o movimento marcou uma geração de produtores musicais e artistas que continuam produzindo. Para a cultura brasileira, o movimento ficou marcado como um dos mais relevantes no cenário musical ultimamente (Cavalcanti, 2018). O impacto causado pelo movimento emo reflete até hoje em novos movimentos musicais, na moda e na internet, uma vez que o estereótipo emo e o material deixado pelo movimento servem como base de criação para as novas gerações.

⁴ Segundo o Dicionário Cambridge, *underground* se refere a pessoas de uma sociedade que estão experimentando novas maneiras de viver ou formas de arte, muitas vezes chocantes ou ilegais (“people in a society who are trying new and often shocking or illegal ways of living or forms of art”). Nesse contexto refere-se ao grupo desconhecido de artistas do emocore.

Observamos que a evolução das mídias também teve grande impacto na indústria musical. Algumas das últimas músicas citadas, nos anos de 2018 e 2019, já não estão presentes em álbuns em mídia física como o CD, mas sim em difusão de dados *online*, o chamado *streaming*. Outro reflexo da crescente produção independente em que os artistas tem seu trabalho final disponibilizado na internet e não em um disco numa loja física. Elimina-se a necessidade da gravação e distribuição do CD e aquela grande gravadora pela qual os artistas sonhavam em ser contratados. A ausência dessa mediação aproxima mais o artista de seu público. Desse modo, parece-nos que a música se faz mais valorizada uma vez que o artista tem mais controle sobre a sua arte nesse novo modelo de produção.

Pudemos observar durante a pesquisa sobre o envolvimento do movimento emo com a indústria cultural, como essa indústria assimila movimentos de contracultura e imaginamos quantas outras vezes isto deve ter ocorrido durante o tempo em que a indústria cultural existiu. Muitos outros movimentos culturais criados pela juventude para ir na contramão da cultura vigente acabaram sendo consumidos, assimilados e transformados em produtos. Será que o destino mais previsível para um movimento cultural novo seja sua mercantilização e que isso seja sinônimo de sucesso? Notamos que houve muitos movimentos culturais surgidos de maneira similar, carregados de críticas, revolta, insatisfação e um desejo de mudança. Mas se o destino certo de um movimento que faça sucesso é a sua mercantilização e estagnação, também é previsível que este fenômeno de criação de movimentos de contracultura para a substituição de um outro já falido se repita de maneira cíclica, num incessante jogo entre contracultura e indústria. Desta forma cabe a nós questionar: sendo o “sucesso cultural” a disseminação de um movimento popular e sua expansão, existe sucesso cultural sem sucesso comercial? Em uma sociedade movida pelo capital em que toda criação pode vir a ser mercadoria, parece natural que o sucesso comercial possa ser sinônimo de sucesso cultural, ou ainda, o único sucesso possível. Dessa forma, outro jogo incessante é o jogo entre a criação e o capital, uma vez que o último pode decidir o sucesso do primeiro.

Esperamos com este trabalho de pesquisa poder contribuir para a inserção do tema na academia e auxiliar em futuras pesquisas sobre indústria cultural, mercado musical e emcore, visto que foram levantados muitos assuntos à volta desta pesquisa que podem ser aprofundados, como a padronização da forma musical, os componentes visuais estéticos do emo, a relação do movimento com a cultura digital, as influências em outros movimentos e estilos, assim como análises musicais mais aprofundadas sobre as músicas do movimento emo.

REFERÊNCIAS

- 20 músicas que marcaram a história do Forfun. 2015. Disponível em: <<http://www.mtv.com.br/noticias/2tk1ix/musicas-forfun>>. Acesso em: 28/08/2019.
- ABOS, Marcia. Restart é o grande vencedor do VMB 2010, premiado em 5 categorias. **O Globo**. Nov. 2011. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/grupo-restart-grande-vencedor-do-vmb-2010-premiado-em-5-categorias-2951567>>. Acesso em: 28/08/2019
- ADORNO, Theodor. A indústria cultural. Frankfurt, 1968. In: **Público, massa e cultura**. Disponível em: <<http://paginapessoal.utfpr.edu.br/cantarin/literatura-e-m-meios-digitais-ppgel/21-de-marco/A%20industria%20cultural%20-Theodor%20W.%20Adorno.pdf>>. Acesso em: 11/11/2019.
- ALESSI, Gil. O elo entre Flávio Bolsonaro e a milícia investigada pela morte de Marielle. **El País**. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/22/politica/1548165508_401944.html>. Acesso em: 06/12/2019.
- ALMANAQUE Abril 2001. São Paulo: Abril, 2001.
- BORTOLOTI, Marcelo. Bozo: a história real por trás do mito. **Super Interessante**. Ago. 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/sociedade/bozo-a-historia-real-por-tras-do-mito/>>. Acesso em: 28/08/2019.
- BREDA, Lucas. Trap se estabelece na cena hip hop-brasileira com influências de emo e anime. **Folha de São Paulo**. Dez. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/12/trap-se-estabelece-na-cena-hip-hop-brasileira-com-influencias-de-emo-e-anime.shtml>>. Acesso em: 28/08/2019.
- BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude**. São Paulo: Moderna, 1990.
- CAIAFA, Janice. **Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- CARVALHO, Renata Oliveira. **Da música à tribo: os emos desde suas origens até os dias de hoje**. Trabalho apresentado no 10º Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2014.
- CAVALCANTI, Amanda. O emo foi o último movimento importante do rock brasileiro. **Vice**, 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/wjk8gw/o-emo-foi-o-ultimo-movimento-importante-do-rock-brasileiro>. Acesso em: 28/08/2019.
- _____. O emo rap é o verdadeiro revival do emo. **Vice**. 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/8xk87a/emo-rap-revival-emo>. Acesso em: 28/08/2019.

- CHIAVENATO, Júlio José. **O golpe de 64 e a ditadura militar**. São Paulo: Moderna, 1994.
- CODA. In: Dicionário Priberam. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/coda>>. Acesso em: 03/09/2019.
- COLOMBO, Patrícia; RODRIGUES, Stella. Restart é o grande vencedor do VMB. **Rolling Stone**. Set 2010. Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/restart-e-o-grande-vencedor-do-vmb-2010/>>. Acesso em: 28/08/2019.
- CRUVINEL, Monica Vasconcellos. Corpos indóceis: juventude, identidade e (emo)ção. **Movendo Ideias**, Campinas, v.15, n. 1, p. 67-71, 2010.
- DA COSTA, Priscila Oliveira. **Era emo: uma publicação sobre a terceira onda do emocore**. Trabalho de Graduação (Tecnologia em Design Gráfico) – Departamento Acadêmico de Desenho Industrial Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.
- DO UNDERGROUND ao emo. **Bis Docs**. São Paulo: Canal Bis, 1 jul. 2013. Programa de televisão.
- DUARTE, Rodrigo. **Indústria cultural: uma introdução**. Rio de Janeiro: FGV, 1 ed. 2010.
- FERREIRA, Joice Nunes; BUSTAMANTE, Mercedes. Incêndios e queimadas na Amazônia: por trás da cortina de fumaça. **Veja**. Ago. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/incendios-e-queimadas-na-amazonia-por-tras-da-cortina-de-fumaca/>>. Acesso em: 28/08/2019.
- GARCIA, Roosevelt. Todos os Bozos brasileiros. **Veja São Paulo**. Set 2017. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/blog/memoria/todos-os-bozos-brasileiros/>>. Acesso em: 28/08/2019
- GUIMARÃES, Eduardo. Bolsonaro tem pior avaliação do pós-redemocratização. **Blog da cidadania**. 2019. Disponível em: <<https://blogdacidadania.com.br/2019/10/bolsonaro-tem-pior-avaliacao-do-pos-redemocratizacao/>>. Acesso em: 06/12/2019.
- LAVINAS, Lena; GENTIL, Denise L. Brasil anos 2000. **Novos estudos Cebrap**. São Paulo, v. 37, n. 02, p. 191-211, ago. 2018.
- LIMA, Wilson. Os novos rolos que envolvem Flávio Bolsonaro. **Istoé**. São Paulo: Três. 2019. Disponível em: <<https://istoe.com.br/os-novos-rolos-que-envolvem-flavio-bolsonaro/>>. Acesso em: 06/12/2019
- MAINSTREAM. In: Cambridge Dictionary. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/mainstream>>. Acesso em: 03/09/2019.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 6 ed. P. 71-83, 2007.
- MAIS tocadas. Disponível em: <<https://maistocadas.mus.br/>>. Acesso em: 06/09/2019.

MONTEIRO, Camila Franco. *Haters gonna hate: como funciona o sistema de disputas entre fãs e antifãs da banda Restart*. **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Fortaleza: Intercom, 2012.

_____. Fã-mília #happyrock: “recomeço” em cores. **SIMSOCIAL, simpósio em tecnologias digitais e sociabilidade**. Salvador, 2011.

MOTA, Carlos Guilherme. **Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000): a grande transição**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000.

MOTA, Myriam Becho; BRAICK, Patrícia Ramos. **História: das cavernas ao terceiro milênio**. Volume único. 1 ed. São Paulo: Moderna, 1997.

O GLOBO. Bolsonaro tem pior avaliação entre presidentes no primeiro mandato, aponta Datafolha. **O Globo**. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-tem-pior-avaliacao-entre-presidentes-no-primeiro-mandato-aponta-datafolha-23580159>>. Acesso em: 06/12/2019.

ORTIZ, Renato. A escolar de Frankfurt e a questão da cultura. **Revista Sociologia em Rede**, Goiânia, v. 6, n.6, p. 203-242, 2016.

PATTISON, Louis. Rites of Spring and the summer that changed punk rock. **The Guardian**, nov. 2012. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/music/musicblog/2012/nov/27/rites-spring-summer-punk-rock>>. Acesso em: 28/08/2019.

RAYMER, Miles. Who owns trap? **Chicago Reader**. Nov. 2012. Disponível em: <<https://www.chicagoreader.com/chicago/trap-rap-edm-flosstradamus-uz-jeffrees-lexer/Content?oid=7975249>>. Acesso em: 03/09/2019

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RICHMAN, Jesse. What is emo, anyway? We look at history to define a genre, **Alternative Press**, Jan. 2018. Disponível em: <https://www.altpress.com/features/what_is_emo_history_definition/>. Acesso em: 28/08/2019.

ROCHEDO, Alline do Carmo. BRock: O Ensino de História por meio do rock brasileiro nos anos 1980 – **Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH – Rio**. Rio de Janeiro, 2011.

STAMPA, Inez; RODRIGUES, Vicente. **Ditadura e transição democrática no Brasil: o golpe de Estado de 1964 e a (re)construção da democracia**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2016.

UNDERGROUND. In: Cambridge Dictionary. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/underground>>. Acesso em: 03/09/2019.

FONTES

- ABREU, Thiago; FERREIRA, Leandro; PERES, Alexandre Kenji; REIS, Elliot; VIEIRA, Mi. Voa. Intérprete: Gloria. In: **Acima do céu**. São Paulo, 2019. Álbum em *streaming*, digital, estéreo
- ANDRADE, Keops de; ANDRADE, Raony de. Um leão por dia. Intérprete: Medulla. In: **Um leão por dia**. São Paulo, 2018. Álbum em *streaming*, digital, estéreo.
- BADAUÍ, Fernando. DI ROBERTO, Ricardo; GARCIA, Eduardo; GOMES; PORTOGA, Ronaldo. Um minuto para o fim do mundo. Intérprete: CPM22. In: **Felicidade instantânea**. São Paulo, 2005. 1 CD, digital, estéreo.
- BALIÚ, Henrike; TARGA, Christian; TRACCO, Mauro. Conformismo e resistência. Intérprete: Blind Pigs. In: **São Paulo Chaos**. São Paulo, 1997. 1 CD, digital, estéreo.
- BARBOSA, Alyand Mielle; LIMA, Rodrigo Alves; MOZACHI, Leandro Pretti; ROCHA, Marcel Dadalto. Lost soul. Intérprete: Dead Fish In: **Sonho médio**. Rio de Janeiro, 1999. 1 CD, digital, estéreo.
- BARBOSA, Alyand Mielle; LIMA, Rodrigo Alves; MOZACHI, Leandro Pretti; ROCHA, Marcel Dadalto. You Against. Intérprete: Dead Fish. In: **Sirva-se**. Rio de Janeiro, 2005. 1 CD, digital, estéreo.
- BARBOSA, Alyand Mielle; LIMA, Rodrigo Alves; MOZACHI, Leandro Pretti; ROCHA, Marcel Dadalto. Sonho médio. Intérprete: Dead Fish. In: **Sonho médio**. Rio de Janeiro, 1999. 1 CD, digital, estéreo.
- BARROSO, Fábio; MACIEL, Rodrigo; MAINI, André; MANCINI, Marcelo. Fluxo perfeito. Intérprete: Strike. In: **Nova Aurora**. São Paulo, 2012. 1 CD, digital, estéreo.
- BÓIA, Camilo; TORQUATO, Mano; Quem matou o Bozo? Intérprete: Cueio Limão. In: **Quem matou o Bozo?** São Paulo, 2003. 1 CD, digital, estéreo.
- BONAFE, Johnny; PERES, Alexandre Kenji; REIS, Elliot; SILVEIRA, Lucas; VIEIRA, Mi. Horizontes. Intérpretes: Gloria, Lucas Silveira. In: **(Re)nascido**. São Paulo, 2012. 1 CD, digital, estéreo.
- BRAZ, Alexandre; SERAFIM, Fernando; SILVA, Fernando. Lead a pointless life. Intérprete: Garage Fuzz. In: **Relax in your favorite chair**. São Paulo, 1995. 1 CD, digital, estéreo.
- CHRIST, Nicolas; COSTA, Rodrigo; CUTRIM, Danilo; ISENSEE E SÁ, Vitor. História de verão. Intérprete: Forfun. In: **Das pistas de skate às pistas de dança**. Rio de Janeiro, 2003. 1 CD, digital, estéreo.
- EMICIDA; FERRERO, Di; ROCHA, Gee. Só rezo. Intérpretes: Emicida, Nx Zero. In: **Sete chaves**. São Paulo, 2009. 1 CD, digital, estéreo.
- FERRERO, Di; ROCHA, Gee. Entre razões e emoções. Intérprete: Nx Zero. In: **Nx Zero**. São Paulo, 2006. 1 CD, digital, estéreo.

- GALEAZZI, Rodrigo Sanches. 1997. In: **Procedimentos de emergência**. São Paulo, 2006. 1 CD, digital, estéreo.
- GALEAZZI, Rodrigo Sanches. Blind youth. Intérprete: Hateen. In: **Hydrophobia**. São Paulo, 1994. 1 CD, digital, estéreo.
- GUERRA, Thiago Pessoa SILVEIRA, Lucas; Hoje eu sou trovão. Intérpretes: Caetano Veloso Fresno. In: **A sinfonia de tudo que há**. São Paulo, 2016. 1 CD, digital, estéreo.
- KONAI, João Vitor. Oodal. Intérprete: Konai. In: **Oodal (tearboy)**. São Paulo, 2018. Álbum em *streaming*, digital, estéreo.
- LIL CHAINZ. Uma música triste qualquer. Intérpretes: Lil Chainz e Novac. In: **Uma música triste qualquer**. Rio de Janeiro, 2018. Álbum em *streaming*, digital, estéreo.
- MACKAYE, Ian; NELSON, Jeff. Straight edge. Intérprete: Minor Threat. In: **Minor Threat**. Washington, 1981. 1 CD, digital, estéreo.
- MANTOVANI, Gustavo; SILVEIRA, Lucas; TAVARES, Rodrigo. Onde está. Intérprete: Fresno. In: **O rio, a cidade, a árvore**. Rio de Janeiro, 2004. 1 CD, digital, estéreo.
- MAO JR, José Rodrigues; GONÇALVES, Luís; STAMATOPOULOS, Michel. Oi, tudo bem? Intérprete: Garotos Podres. In: **Arriba! Arriba!** Lisboa, 1993. 1 CD, digital, estéreo.
- MUNHOZ, Pedro Lucas; OLIVEIRA, Lucas Kobayashi. Levo comigo. Intérprete: Restart. In: **Restart**. São Paulo, 2009. 1 CD, digital, estéreo.
- SILVEIRA, Lucas. Desde quando você se foi. Intérprete: Fresno. In: **Redenção**. São Paulo, 2008. 1 CD, digital, estéreo.
- SILVEIRA, Lucas. Infinito. Intérprete: Fresno. In: **Infinito**. São Paulo, 2012. 1 CD, digital, estéreo.
- SILVEIRA, Lucas. Natureza Caos. Intérprete: Fresno. In: **Sua alegria foi cancelada**. São Paulo, 2019. 1 CD, digital, estéreo.
- SOGA, Fabio Luiz Altro. Left. Intérprete: Dance of Days. In: **6 first hits**. São Paulo, 1997. 1 CD, digital, estéreo.
- SOGA, Fabio Luiz Altro. Me leve às estrelas. Intérprete: Dance of Days. In: **A história não tem fim**. São Paulo, 2001. 1 CD, digital, estéreo.
- ZAMPIERI, Alexandre. Medo. Intérprete: Sugar Kane. In: **Por nossa paz**. São Paulo, 2001. 1 CD, digital, estéreo.